

MAÍRA CARVALHO DE MORAES

**Movimentos sociais, classe trabalhadora e o direito à cidade: reflexão sobre as lutas da  
FLM - Frente de Luta pela Moradia**

Universidade de São Paulo

Escola de Comunicações e Artes

Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação – Celac

SÃO PAULO

2014

MAÍRA CARVALHO DE MORAES

**Movimentos sociais, classe trabalhadora e o direito à cidade: reflexão sobre as lutas da  
FLM - Frente de Luta pela Moradia.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização  
“Mídia, Informação e Cultura” sob orientação do  
Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação – Celacc

SÃO PAULO

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha família: meu pai José Roberto, minha mãe Betânia e meus irmãos Victor e Carolina.

A meus amigos e companheiros de luta: Eva, Miguel, Rafael, Eliseu, Dálita, Bárbara, Viviane, Lílian, Daniel e João.

A todos os militantes da Frente de Luta por Moradia, especialmente, Sérgio, Antônia, Mildo, Nazareth e Manoel Del Rio, que gentilmente contribuíram para a realização desse trabalho e para o meu grande aprendizado.

À Universidade de São Paulo, que proporcionou a minha educação desde a graduação na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Em especial aos meus professores da Faculdade de História.

Ao Centro de Estudos Latino – Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc), cujo aprendizado tem sido interminável e valioso.

E finalmente ao Prof. Dr. Dennis Oliveira pela sua dedicação, paciência e sabedoria, que nos faz sempre perceber a força da luta coletiva e do povo brasileiro.

## RESUMO

Recentemente a cidade de São Paulo tem sido o espaço privilegiado de diversas manifestações de movimentos sociais de luta por habitação. Entre eles, a Frente de Luta por Moradia (FLM), que tem chamado a atenção para a ocupação das áreas centrais da cidade. Coletivo formado por diversos movimentos sociais que reivindicam o direito da classe trabalhadora de morar no centro da cidade e usufruir de condições mínimas necessárias para a existência, como acesso a saúde, educação, transporte e trabalho. O presente artigo pretende analisar a base militante desse movimento e examinar as suas estratégias de mobilização e sua ideologia. Além disso, refletir sobre a ação do capital no espaço da cidade de São Paulo, especialmente, por intermédio das estruturas econômicas e jurídicas que contribuem para a exclusão social.

Palavras-chave: movimentos sociais; habitação social; capital; direitos humanos; espaço

## **ABSTRACT**

Recently the city of São Paulo has been the privileged space of various manifestations of social movements struggling for housing. Among them, the FLM - Fight for Housing Front, which has drawn attention to the occupation of the central areas of the city. Collective Housing formed by various social movements, wants the right of the working class to live in the city center. Boasting minimum necessary conditions for the existence, such as access to health, education, transport and labor. This article aims to analyze the militant movement that base and infer on their mobilization strategies and ideology. Also, reflect on the action of Capital in the city of São Paulo area, especially the economic and legal structures that contribute to social exclusion.

Keywords: social movements; social housing; capital; human rights; space

## RESUMÉN

Recientemente, la ciudad de São Paulo ha sido el espacio privilegiado de diversas manifestaciones de los movimientos sociales que luchan por la vivienda. Entre ellos, el Frente de Lucha por la Vivienda (FLM)), que ha llamado la atención sobre la ocupación de las áreas centrales de la ciudad. Vivienda colectiva formada por diversos movimientos sociales, que afirma el derecho de la clase trabajadora a vivir en el centro de la ciudad. Con las condiciones mínimas necesarias para la existencia, como el acceso a la salud, educación, transporte y mano de obra. Este artículo tiene como objetivo analizar el movimiento militante que basar e inferir en sus estrategias de movilización e ideología. Además, reflexionar sobre la acción en la ciudad capital de la zona de São Paulo, en especial las estructuras económicas y legales que contribuyen a la exclusión social.

Palabras-clave: movimientos sociales; vivienda social; capital; derechos humanos; espacio

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS: o capital e o sistema capitalista: circulação, acumulação, excedente e crise.....</b>	<b>9</b>
2.1 Excedente de capital e espaço urbano.....	10
2.2 Economia política brasileira: breve reflexão das estruturas.....	12
2.3 Limites e possibilidades da macroeconomia brasileira: o modernismo da era Lula e os arcaísmos histórico brasileiro.....	15
2.4 O direito à cidade: a ação do capital no espaço urbano e as políticas para a classe trabalhadora.....	18
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
3.1 Estratégias metodológicas.....	24
<b>4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>25</b>
4.1 Ação coletiva e mobilização.....	25
4.2 Estruturas de mobilização e empoderamento.....	26
4.3 Estratégias de ação: a classe trabalhadora tem direito à cidade.....	30
4.4 A institucionalização dos movimentos sociais: o reconhecimento das lutas.....	33
4.5 Direitos humanos e movimentos sociais: o reconhecimento das lutas.....	34
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>7 ANEXOS.....</b>	<b>42</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

A análise de um movimento social exige uma reflexão sobre as estruturas políticas, econômicas, jurídicas e culturais de uma sociedade. O objeto de estudo do presente artigo é compreender a base militante da FLM, com ênfase na ideologia do movimento, nas suas formas de resistência às ações do Estado e os seus métodos de mobilização na luta pelo direito à cidade. Para tanto, será utilizado como metodologia de análise o marxismo, com base nas obras de Karl Marx (2008) e David Harvey (2006) na estruturação da argumentação sobre o sistema capitalista e sua ação no espaço. Será estudada também a economia brasileira, a partir das análises de Octávio Ianni (2009) e André M. Biancarelli (2014) e dos relatórios do IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (2010). Após breve dissertação sobre as estruturas econômicas, a argumentação será centrada na reflexão sobre o espaço da cidade presente na obra de Nabil Bonduki (2013). Por fim, a ação dos movimentos sociais, através da fundamentação teórica e do estudo de campo, para compreendermos a luta da FLM. Entre as hipóteses levantadas por este artigo está a estrutura econômico-política brasileira como responsável por manter níveis alarmantes de exclusão social e centralização do Estado. Tal hipótese estaria influenciando decisivamente na gênese e ação dos movimentos sociais, contribuindo para uma crescente institucionalização.

## **2 MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS: o capital e o sistema capitalista: circulação, acumulação, excedente e crise**

A história possibilita reflexão e a compreensão da base das contradições da sociedade. Karl Marx (2008) disserta que todas as relações, no âmbito da economia, do direito e das práticas políticas devem ser compreendidas em sua totalidade.

E no caso da sociedade cujos valores dominantes são burgueses, sua anatomia só pode ser compreendida através da Economia Política:

[...] Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual elevam-se a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência (p. 47).

As relações de produção de uma sociedade são fundamentais para os seus processos sociais e políticos. Para Marx, a produção e circulação das mercadorias é o ponto fundamental para compreensão do capital. Assim como Marx, David Harvey (2006) disserta que o capital é um processo em movimento, e que a sua sobrevivência está intrinsecamente ligada à manutenção da circulação.

Ainda segundo Harvey (2006), essa necessidade de circulação constante do capital se manifesta nas estruturas físicas e sociais da sociedade ou, ainda, em suas instituições políticas, jurídicas e sociais:

Porém, os sistemas legal, financeiro, educacional e da administração pública, além dos sistemas ambientais não-naturais, urbanos e de transportes, para mencionar algumas organizações chave que tenho em mente, precisarão ser desenvolvidos para sustentar a circulação do capital se for para reproduzir a vida cotidiana efetivamente (p. 130).

Para esse autor, as relações resultantes do modo de produção capitalista exigem a continuidade da circulação do capital e uma ininterrupta expansão do valor das mercadorias. Além disso, a circulação está baseada na relação entre classes, porque há a *compra e venda* da força de trabalho como mercadoria (HARVEY, 2006, p. 131).

As relações de produção são a chave para compreendermos o sistema capitalista, sua ação no espaço e na vida humana. Grosso modo, infere-se que dentre tantas complexidades do sistema, sobressaem-se algumas constantes: a luta de classes, a necessidade de expansão e circulação do sistema, o excedente de capital e a crise. Não há estabilidade na circulação do capital, sua necessidade de expansão traz em sua essência um paradoxo. Para crescer depende dos avanços tecnológicos, que aumentam a produção e ao mesmo tempo substituem a mão-de-obra.

Contudo, o sistema só se expande quando há trabalho *vivo* na produção. Desse modo, há uma contradição em seu bojo: a tecnologia aumenta a produção, mas não gera o crescimento, sendo que ambos, produção e crescimento, são essenciais na circulação do capital (HARVEY, 2006). A crise do sistema inicia-se justamente quando há excedentes de capital e mão-de-obra que não são absorvidos. A crise é resultante da desvalorização, tanto do capital como da força de trabalho. Com a acumulação dos excedentes, há a desvalorização da mercadoria, e um declínio nas condições de vida da classe trabalhadora. Harvey (2006, p.133) aponta que as crises agudas frequentemente criam tensões sociais e políticas. E a partir delas, novas formas políticas e ideológicas podem surgir.

## **2.1 Excedente de capital e espaço urbano**

O capital deve circular em determinado tempo. Harvey (2006) chama esse fenômeno de “tempo de rotação socialmente necessário”. Esse conceito refere-se ao tempo de circulação do capital em relação à taxa média de lucro sob as condições normais de produção e circulação. Quanto mais rápido os excedentes forem investidos, menos chances de perda de valor. Investimentos de longo prazo ocorrem em capitais imobilizados, como instalações físicas, infraestrutura, bens duráveis e projetos de longa duração (saúde, educação, justiça). Essas operações exigem a produção de excedentes de capital e mão- de-obra, uma ação que pode gerar

riscos devido à extensão do tempo na recuperação dos lucros e investimentos, pois, o ideal de investidores é o alto retorno no curto prazo.

O capital transcende as barreiras temporais e espaciais, através da sua circulação e migração para condições mais favoráveis geograficamente, influencia diretamente na transformação do espaço e tempo da sociedade burguesa.

Em “O enigma do Capital”, David Harvey analisa a crise hipotecária (subprime), que assolou a classe trabalhadora estadunidense. Dentre as argumentações principais dessa obra estão a financeirização (capital fictício/operações bancárias) da economia dos EUA, a desvalorização da renda dos trabalhadores e a consequente busca pelo setor de créditos para manter os níveis de consumo e crescimento interno.

Apenas quando a crise atingiu a classe média branca, a mídia alardeou os problemas econômicos e fomentou a discussão do poder dos bancos privados, seguradoras e de Wall Street. O fato abalou a confiança nas instituições bancárias, sobretudo após a falência do banco Lehman Brothers. “A confiança do consumidor despencou, a construção de habitação cessou, a demanda efetiva implodiu, as vendas no varejo caíram, o desemprego aumentou as lojas e indústrias fecharam” (HARVEY, 2011, p. 13).

A utilização da tecnologia, a diminuição de poder de barganha dos sindicatos e a mão-de-obra imigrante, disposta a trabalhar por salários e benefícios menores, precarizaram ainda mais a classe trabalhadora estadunidense. O resultado foi um aumento no exército de reserva e o subsequente empobrecimento dessa classe. A escolha pelo investimento de excedentes no sistema bancário, a retração da renda dos trabalhadores e o consumo via crédito geraram essa crise sem precedentes. O fenômeno da financeirização pode ser verificado na transformação das indústrias em operadoras de crédito, atestando a força do capital em migrar para atividades mais lucrativas.

A circulação do capital é a palavra para o entendimento do sistema capitalista, que culmina na transformação de tempo e espaço. Sua busca pela acumulação e por regiões em que a infra-estrutura possibilite maior circulação é incessante. Segundo Harvey:

Continuamente, portanto, o capitalismo se esforça para criar uma paisagem social e física da sua própria imagem, e requisito para suas próprias necessidades em um instante específico de tempo, apenas para solapar, despedaçar e inclusive destruir essa paisagem num instante posterior de tempo (2006, p. 150).

A transformação do espaço é a última barreira do capital. No entanto, apesar das contradições do sistema, deve-se refletir que seu caráter paradoxal não é desumano. Pelo contrário é produto da própria humanidade.

## **2.2 Economia política brasileira: breve reflexão das estruturas**

Uma reflexão sobre a emergência de qualquer movimento social deve considerar as condições político-econômicas de sua região e as características do sistema capitalista global. Nessa dialética, pretende-se compreender a ocorrência de determinado movimento no espaço/tempo. No caso do surgimento da FLM, será realizada uma breve exegese das condições político-econômicas brasileiras.

Octávio Ianni (2009) disserta que os sistemas econômico-políticos brasileiros sofreram um cisma a partir de 1930. Houve um rompimento brusco com as antigas relações de produção, cujas características arcaizantes mantinham o país nas mãos de uma oligarquia. A concentração de poder político e econômico, resultante da conjunção do modo de produção escravista, latifúndio e monocultura, conservou grande parte da população excluída das condições mínimas de cidadania. De acordo com Ianni (2009), a partir de 1930 o Estado brasileiro passará a adotar uma política econômica planificada, em que a intervenção estatal não estava voltada prioritariamente para o desenvolvimento ou crescimento, mas sim para a estabilização, sobretudo política. Nesse caso, o Brasil é um caso notório em que as relações econômicas são fortemente influenciadas pela conjuntura política. A economia brasileira, considerada dependente por Ianni (2009), não estava isenta das ações do sistema capitalista global. Pelo contrário, as crises econômicas exógenas são as mais preocupantes, devido ao grau de dependência da economia brasileira do setor externo. Desse modo, a fragilidade interna facilita a ação do Estado no controle das operações econômicas e conseqüentemente políticas, que culminam no aumento das tensões sociais internas. Segundo Ianni (2009), a ação do Estado constituiu-se em proteção dos setores privados:

Em geral o poder público teve um papel decisivo na criação de condições mais favoráveis para o funcionamento e a expansão da empresa privada, nacional e multinacional. Por isso, organizou e aperfeiçoou os mercados de capital e de força de trabalho, segundo as conveniências do setor privado (p.284).

A industrialização brasileira é um bom exemplo do intervencionismo estatal na economia, mas não se deve confundir o planejamento econômico brasileiro com nacionalismo. No Brasil, o conteúdo ideológico nacionalista apenas disfarçava as operações políticas facilitadoras da ação dos investimentos internacionais. Ianni (2009) dividiu a economia brasileira em dois estágios: estratégia de desenvolvimento nacionalista (predominantes nos anos 1930-1945/1951-1954/1961-1964) e estratégia de desenvolvimento associado (1946-1950/1955-1960 e 1964 em diante) . No primeiro, a economia brasileira estaria voltada para o desenvolvimento de um capitalismo nacional. Já no segundo, o país propôs planejamentos econômicos em consonância com as economias hegemônicas, sobretudo a dos Estados Unidos, favorecendo a manutenção das estruturas de poder e a supremacia do poder legislativo sobre os outros poderes, e gerou uma espécie de hipertrofia do Executivo, ocasionando a sua hegemonia. O planejamento econômico também originou uma tecnocracia, que beneficiou os grupos hegemônicos em seus interesses político-econômicos.

Uma de suas argumentações é a formação de uma tecnocracia estatal formada por um corpo técnico, que age em institutos e ministérios e produz as diretrizes ideológicas das políticas econômicas. Para Ianni (2009), a intenção da criação dessa base “intelectual” econômica tinha como objetivo transformar uma parte do excedente econômico em potencial em excedente econômico efetivo, partindo do pressuposto de que o desenvolvimento econômico é igual à acumulação capitalista.

Em suma, a tecnoestrutura estatal é o aparato que utiliza os recursos técnico-científicos para originar uma perspectiva da realidade nacional e auxiliar o Executivo na proposição de políticas econômicas, que contemplem os problemas da nação brasileira.

De acordo com Ianni (2009) a tecnoestrutura envolve as seguintes relações:

- a) [...] encadeamento entre a tecnocracia e os órgãos de planejamento;
- b) utilização crescente das modalidades do pensamento técnico científico;
- c) o fortalecimento do poder executivo em detrimento do poder legislativo e dos princípios da “democracia representativa” e
- d) o sistemático encadeamento recíproco das relações de dominação (políticas) e apropriação (econômicas) (p. 295).

Esse aparato acaba intervindo diretamente na economia do Brasil, nas relações de produção do país, nas relações de classe e na renda nacional. Dentre as inferências possíveis a partir da leitura de Ianni, está a forte influência do capital internacional e a utilização da tecnoestrutura como base para a tecnocracia como recurso ideológico.

No relatório “Perspectivas do Desenvolvimento Brasileiro”, do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA), há um exemplo da continuidade das ideias tecnoestruturais em seu texto de abertura:

O principal elemento a entrar na equação foi uma mudança no papel do Estado. Ele começa a planejar e investir em algumas áreas específicas, através da alocação de recursos e na definição de qual seria o caminho para o crescimento. (IPEA, 2010, p. 12)

O IPEA funciona como a base tecnoestrutural do governo federal, cujos estudos econômicos, índices e análises divulgam as políticas econômicas do Executivo. Entre elas, atualmente, o desenvolvimento econômico e os programas sociais como Bolsa-Família e o PAC – Programa de Aceleração do Crescimento. É enfatizado que o crescimento econômico através da intervenção estatal beneficiará as classes subalternizadas. Nota-se que o texto realiza uma breve exegese da história econômica brasileira com ênfase na superação da fase de financeirização econômica e na concepção de que a partir dos anos 2000 uma nova política econômica é apresentada.

Percebe-se uma continuidade ideológica na ideia de um Estado planejador. De acordo com o IPEA “A implantação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) mostra que houve recuperação do planejamento de longo prazo, abandonado nas décadas anteriores de liberalização da economia” (IPEA, 2010, p. 27).

Definido como uma nova fase do Estado, o PAC estruturará o desenvolvimento, explorando as potencialidades da economia nacional e vencendo as contradições sociais do Brasil. É enfatizada a diminuição da miséria e da desigualdade social, a recuperação do salário mínimo e a ampliação dos gastos sociais. Soma-se a isso o papel dos bancos estatais, tais como o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e a Caixa Economia Federal, na facilitação do acesso ao crédito. De acordo com o relatório, essa ação foi resultante do aumento do emprego

formal e do processo de mobilidade social. O acesso ao crédito é considerado a última fronteira de inclusão social das populações à margem do sistema bancário brasileiro (IPEA, 2010, p. 28).

O desenvolvimento social é o principal mote do relatório econômico do IPEA, cujo eixo de estudo é justificar as decisões da macroeconomia brasileira. Após o período liberal, compreendido entre os governos Collor e Fernando Henrique Cardoso, a eleição de Lula é considerada como um novo paradigma econômico.

### **2.3 Limites e possibilidades da macroeconomia brasileira: o modernismo da era Lula e os arcaísmos históricos brasileiros**

Percebe-se que um dos principais objetivos da tecnocracia é demonstrar que há uma superação das contradições históricas, através do desenvolvimento aliado ao crescimento econômico. Durante o governo Lula-Dilma, do Partido dos Trabalhadores (PT), ocorreram mudanças substanciais, no intuito de se desenvolver uma social democracia (à moda europeia). O governo Lula iniciou sua gestão com uma grave crise econômica internacional, e sua política concentrou-se no controle da inflação e da dívida pública, superávits fiscais e reformas na estrutura macroeconômica (BIANCARELLI, 2014, p. 275). Dentre as características mais pujantes estavam o crescimento do PIB, diminuição do índice Gini e crescimento da renda da população em linha de pobreza através de programas sociais. De acordo com o economista André Biancarelli, a era Lula apresentou importantes inovações estruturais referentes ao papel do Estado, dos bancos públicos e da relação com as empresas privadas, e percebeu a urgência da criação de um mercado de produtor e consumidor interno, que pudesse conter as exportações e a fuga de capitais. O carro-chefe da gestão Lula foram os programas sociais, Bolsa-família (pagamento mensal de bolsa para famílias com renda abaixo do necessário para sobrevivência) e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), uma pensão para trabalhadores rurais (BIANCARELLI, 2014, p. 277).

A política da gestão petista estava centrada na distribuição de renda, na manutenção do salário mínimo, aumento no número dos postos de trabalho e expansão do crédito para a classe trabalhadora. A política macro-econômica estava centrada na continuidade do crescimento

econômico através da manutenção dos índices positivos do PIB - Produto Interno Bruto, taxas de crescimento em alta, assim como os postos de trabalho. (BIANCARELLI, 2014, p. 279).

Em relação ao sistema capitalista mundial, a intenção da gestão econômica Lula era se livrar-se das influências das crises internacionais, como a dos Tigres asiáticos, China e norte-americana, fortalecer o mercado interno e as relações com os países latino-americanos e os BRICs <sup>1</sup>.

A gestão Dilma Houssef apresentou uma clara desaceleração desse plano econômico de longo prazo. De acordo com Biancarrelli (2014) os movimentos econômicos da nova gestão foram na mesma direção, mas com uma dose maior de conservadorismo e uma leitura errada dos eventos internacionais e uma prudência excessiva com a inflação. Porém, apesar dos índices de crescimento e PIB baixos, o governo Dilma manteve a mesma receita mantendo os índices sociais positivos. Segundo Biancarelli, as gestões petistas se destacam pela estratégia voltada ao desenvolvimento social, inédita na história do país e pelo fortalecimento da política macroeconômica, que de certa forma, apesar do conservadorismo, protegeu o Brasil das crises internacionais. No entanto, o índice Gini do Brasil de cerca de 0,5 coloca-o como um dos 20 mais desiguais do mundo, devido à alta concentração de renda.

Houve um aumento do consumo da classe trabalhadora, mas a infraestrutura social ainda precisa de atenção, sobretudo saúde, educação, transporte e condições de vida urbana (BIANCARELLI, 2014, p. 286). Há ainda a necessidade de modificação da estrutura tributária. “Complexa e concentrada em tributos indiretos (com baixa incidência sobre altos rendimentos e estoques de riqueza), a estrutura tributária é um mecanismo de concentração de renda e de riqueza do Brasil.” (BIANCARELLI, 2014, p. 287).

Calixto Salomão Filho argumenta que a economia vai influenciar diretamente na esfera legal e política. “O direito aparece assim como o principal instrumento dos determinantes estruturais, conseqüentemente, da concentração de renda, e em última análise da pobreza” (SALOMÃO FILHO, FERRÃO e RIBEIRO, 2008, p.21).

Em relação à história econômica do Brasil, a falta de dinamismo devido à estrutura em ciclos econômicos, o modo de produção escravista e as estruturas jurídicas foram fundamentais para os processos de concentração de renda e exclusão social brasileiros. De maneira geral as estruturas macroeconômicas históricas do Brasil beneficiaram essa situação. Entre os ciclos

---

<sup>1</sup> BRIC 's – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – são países cujas potencialidades econômicas, políticas, geográficas e populacionais os credenciam a tornarem-se economias centrais no sistema capitalista. Apesar de atualmente, esses países ainda possuírem índices de desenvolvimento social aquém do seu crescimento macroeconômico. Mantendo níveis de concentração de renda e exclusão social graves, expondo a verdadeira face do Capitalismo.

econômicos principais (cana, ouro e café), o ciclo da cana é o que se demonstra como mais danoso, porque causou enorme pobreza e desigualdade. O ciclo do ouro permitiu uma breve possibilidade de renda a uma minoria populacional, devido ao caráter da atividade, aos fluxos migratórios e ao maior número de áreas de exploração, gerando um cenário de maior concorrência pelo trabalho. No caso do ciclo do café “a extração de toda a renda do trabalho já não era mais possível no caso das ondas de imigrantes que substituíram o trabalho escravo, nem era possível monopolizar o acesso ao crédito” (SALOMÃO FILHO, FERRÃO e RIBEIRO, 2008, p. 28).

Diante de um percurso econômico em que as classe hegemônicas controlaram a macroeconomia, as relações de produção, institucionais e jurídicas, coube às classes subalternizadas apenas a pobreza e a exclusão social-econômica e jurídica. Nota-se que as classes subalternizadas podem ser definidas em sua maioria como as populações negras, vitimadas pelo modo de produção escravista, povos originários e a classe trabalhadora em geral (descendente dos ameríndios ou negros).

O desenvolvimento social deve abarcar a totalidade das estruturas sociais brasileiras, em suas instituições econômicas, políticas e jurídicas. Pois corre-se o risco de igualar-se a cidadania ao poder de consumo, cujo aumento não é o bastante para corrigir séculos de exclusão social da grande maioria populacional do Brasil. O primeiro passo, dado pelos governos Lula-Dilma, foi dado, cabendo à sociedade brasileira evitar o revés através da eleição das classes hegemônicas (liberais e conservadores). Os movimentos sociais estão presentes na sociedade brasileira como forma de resistência a um empoderamento maior ainda dessas classes.

## **2.4 O direito à cidade: ação do capital no espaço urbano e políticas para a classe trabalhadora**

O sistema capitalista e as estruturas macroeconômicas e políticas brasileiras influem diretamente no espaço urbano. David Harvey disserta que “a sobrevivência do capitalismo foi assegurada apenas pela transformação das relações espaciais e pela ascensão das estruturas geográficas específicas (centro-periferia/primeiro e terceiro mundos)” (HARVEY, 2006, p. 142). Desse modo, a geografia da cidade também é resultante das relações de produção do sistema capitalista, assim como o são as estruturas sociais e jurídicas determinadas. São Paulo era uma cidade voltada para a elite cafeeira, mas a partir da desarticulação do modo de produção escravista e a ocupação do espaço da cidade pelas populações negras e imigrantes, a vida urbana ganhou dinamismo inexistente até então.

No que concerne à habitação, entre o fim do século XIX e início do XX, as classes trabalhadoras de São Paulo ocuparam pensões e cortiços. Essas habitações, em sua maioria de aluguel, eram uma fonte de renda aos proprietários, que lucravam com a falta de planejamento urbano e de espaço para as classes subalternizadas.

Além de ser uma boa fonte de renda, esse setor era mediado pelo mercado, não possuindo nenhuma interação do Estado.

Os excedentes de capital gerados pela economia de base cafeeira foram direcionados para o espaço urbano da cidade na construção de vilas e cortiços para as classes trabalhadoras. O valor dos aluguéis e as condições das casas (pouco espaço, sem ventilação) era mais uma forma de exploração das camadas pobres da população (BONDUKI, 2013, p.45).

A industrialização e a urbanização ocorreram concomitantemente, e promoveram uma série de influências na vida do proletário. De acordo com Bonduki (2013), as vilas operárias propunham um padrão de comportamento baseado nas regras da moral burguesa, considerado pelo Estado e pelos patrões como adequado. Essa ação contribuiu para a difusão dos valores burgueses em detrimento a outros valores caros à classe trabalhadora como os da coletividade, reivindicação de direitos, formação de entidades de classe, entre outros.

O início da industrialização paulista ocasionou o surgimento das chamadas vilas operárias, Como, por exemplo, as Vilas Maria Zélia (Zona Norte) e Economizadora. Elas garantiam vantagens adicionais ao dono da fábrica, que podia oferecer salários menores, obter receita com aluguel e exercer controle sobre as atividades do trabalhador, que pensaria duas

vezes em abandonar o emprego – fonte de renda e moradia (BONDUKI, 2013, p. 46). De maneira geral, Nabil Bonduki classifica em três as ocorrências de habitação das classes trabalhadoras: os cortiços, as pensões e as vilas operárias. Esses tipos de habitação operária ofereciam como vantagem a proximidade com o local de trabalho e o baixo preço. No entanto as condições eram quase sempre insalubres, com pouco espaço e falta de saneamento.

O projeto nacional-desenvolvimentista de Vargas tinha a habitação social como condição básica do trabalhador e, conseqüentemente, da industrialização. Por dois motivos: para arregimentar uma base política na classe trabalhadora e para controlar e migrar os investimentos de excedente de capital da exploração imobiliária (muito lucrativa) para a indústria (BONDUKI, 2013, p. 73).

Bonduki argumenta que:

A partir de 1930, o predomínio da concepção keynesiana e a ascensão do fascismo e do socialismo criaram um clima ideológico amplamente favorável para intervenção do Estado na economia e no provimento dos trabalhadores das condições básicas de sobrevivência, inclusive habitação (2013, p. 81).

A ideologia do governo Vargas propunha a casa unifamiliar. Foi disseminada a ideia de que a coletividade era algo negativo, compondo uma clara intenção de desmobilização de manifestações coletivas de classe. Soma-se a isso a intenção de incutir uma ideologia burguesa a essas famílias. Segundo Bonduki, “além de criar a ilusão de progresso econômico, contribuindo para a estabilidade macropolítica, a habitação passou a ser considerada fundamento da constituição moral da sociedade e do bom trabalhador, avesso a práticas desviantes.” (BONDUKI, 2013, p. 84).

A habitação social foi financiada pela própria renda do trabalhador, através dos Institutos de Aposentadoria e Pensão (BONDUKI, 2014, p. 101). As carteiras previdenciárias injetaram capital na construção civil, e posteriormente foi criada a Fundação Casa Popular – FCP.

A política de promover a habitação como direito do trabalhador proporcionou diversas vantagens ao Estado Brasileiro. Entre elas, a de que o investimento para esse benefício saía do bolso do proletário, através dos fundos de pensão, de tal modo que a classe proletária teria uma atitude positiva com o governo por achar que estava sendo atendida pelo Estado. Além disso,

a renda do operário não se modificaria (fato que geraria a distribuição de renda) e os investimentos de capital seriam destinados à indústria, pois a habitação estava sendo subsidiada.

Apesar das reais intenções do Estado brasileiro, alguns projetos de habitação social são importantes para a reflexão sobre a ocupação do espaço urbano. Muitos arquitetos, influenciados por Le Corbusier e o modernismo arquitetônico (Afonso Reid, MM Roberto, entre outros), construíram condomínios com novas propostas de coletividade e vida urbana. As habitações eram planejadas e propunham uma nova visão, que era oposta à casa unifamiliar.

A Lei do Inquilinato foi um das ações mais importantes do governo Vargas. Pois, desmotivou a produção rentista de moradia e congelava os reajustes de aluguéis, impondo dificuldades aos despejos. Bonduki argumenta que a lei promulgada na década de 40 atendia a uma grave crise de moradia, devido à falta de investimento privado na construção.

Entre os objetivos políticos mais complexos da lei, estava o fortalecimento das classes médias urbanas, que viriam a se tornar o setor dominante da opinião pública, a desestimulação de investimentos no setor imobiliário e incentivos ao setor industrial, enfraquecendo a elite cafeeira. De fato, um dos indicativos mais importantes foi o enfraquecimento político dessa oligarquia: “assim, os donos do poder político não representavam diretamente os grupos que controlavam as esferas básicas da economia” (BONDUKI, 2013, p. 219). De acordo com Francisco Weffort, “esta circunstância do compromisso abre a possibilidade de um Estado, entendido como um órgão (público) que tende a afastar-se dos interesses imediatos e a sobrepor-se ao conjunto da sociedade como soberano” (WEFFORT in BONDUKI, 2013, p. 219).

A hipótese de Bonduki é de que o governo Vargas promoveu o pacto de classes e utilizou a Lei do Inquilinato como instrumento. Além disso, orientou os investimentos para a industrialização, fortalecendo ainda mais os laços com a classe trabalhadora, através dos postos de trabalho e dos direitos trabalhistas.

Apesar dessas iniciativas do governo Vargas e Dutra, a crise habitacional e o aumento populacional da cidade fizeram surgir loteamentos periféricos e favelas nas regiões centrais. A falta de planejamento urbano fez com que loteamentos clandestinos periféricos, sem a mínima estrutura (ruas, iluminação, transporte, saneamento básico) fossem ocupados pela classe trabalhadora. O desejo pelo modo de vida burguês, da casa unifamiliar, e a utilização dos fundos de pensão (IAP'S) para fins eleitoreiros promoveram o aumento da venda desses lotes. Somase a isso a renda do trabalhador, que dificultava a moradia de aluguel nas regiões centrais, e a marginalização das habitações coletivas. O autoempreendimento foi a alternativa encontrada pelos trabalhadores, que desejavam ter a sua casa. Dessa forma, promoveu-se a expansão

geográfica e urbana da cidade de São Paulo. Apesar do crescimento, o poder público investiu apenas nas regiões centrais e nos bairros hegemônicos, marginalizando as periferias.

Bonduki propõe que a mudança nas políticas urbanas serão longas, mas devem superar as influências do período Vargas:

O desenvolvimento de novas formas de gestão pública não estatal é, sem dúvida, um caminho a seguir para construir propostas alternativas, uma vez que organizações não governamentais podem gerir programas sociais com melhores resultados que o poder público [...] (2013, p.322).

Em suma, Nabil Bonduki propõe que as estruturas da habitação social brasileira devem ser superadas para que novos modelos de ocupação sejam estabelecidos. Essa saída pode ser efetivada com a participação dos movimentos sociais de moradia.

### 3 METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A escolha da Frente de Luta por Moradia (FLM) como objeto de estudo deve-se a alguns fatores. Entre eles, por ser um movimento social de reivindicação por habitação nas regiões centrais, ocupando prédios nessa área. O espaço é a última fronteira de ação do capital e essencial para sua circulação. E favorece a transformação do espaço pelo sistema, através dos processos de transformação geográfica e valorização.

O centro de São Paulo é espaço privilegiado devido a sua infraestrutura, destacando-se a rede de transportes, saúde e educação. Atualmente, o processo de ocupação pelas classes hegemônicas tem se concentrado no eixo Faria Lima – Berrini, onde estão localizadas as sedes de grandes empresas e corporações. Contudo, a região central, que outrora fora o espaço privilegiado dessas classes, resiste à ocupação das classes trabalhadoras.

Além disso, o processo de criminalização dos movimentos sociais, que ocorre nas gestões Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB), obriga-nos a refletir sobre as estratégias de mobilização e ideologia desses movimentos de resistência.

A FLM é um coletivo formado por diversos movimentos sociais organizados. Definem as direções de sua luta em três: 1º implantação de um programa habitacional de famílias de baixa renda em áreas urbanizadas e próximas do trabalho; 2º Aplicar políticas públicas para famílias cuja renda seja de até três salários mínimos; 3º Desenvolver e aplicar as políticas de desenvolvimento urbano existentes com enfoque no bem coletivo e na função social da propriedade.<sup>2</sup>

Infere-se que o surgimento e a estruturação da FLM resultaram da estrutura política, econômica e espacial da cidade de São Paulo. Conforme vimos anteriormente, as políticas de habitação social eram centralizadas no papel do Estado e financiadas pelo próprio trabalhador. Esse era o caso dos Institutos de Pensão (IAPs) e também da Fundação Casa Popular (FCP). Projetos como o Banco Nacional de Habitação (BNH) e Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) são continuidades dessas mesmas políticas, centralizadas no Estado, que propõem a ocupação das áreas periféricas da cidade, expulsando a classe trabalhadora das regiões centrais. As únicas exceções dessas experiências são alguns edifícios

---

<sup>2</sup> Informações Retiradas do web site da FLM – item Bandeiras de Luta <http://www.portalfm.com.br/frente-de-luta-por-moradia/direcoes-da-luta>

dos IAPs influenciados pela estética e ideologias do modernismo arquitetônico, que privilegiavam as áreas centrais e o coletivo.

A Frente de Luta por Moradia foi gerada pelos movimentos sociais articulados e atentos à expulsão da classe trabalhadora das regiões centrais, fato que ocorre desde o fim do século XIX na cidade de São Paulo. A ação do capital no espaço migrou o eixo de crescimento para a região Oeste da cidade (a chamada Operação Faria Lima) e a região central ficou com os chamados “vazios urbanos”. Prédios abandonados, com grandes dívidas de impostos e serviços, cujos valores eram próximos aos valores de venda. Em sua grande maioria são pertencentes às famílias das classes hegemônicas, com forte poder político. Foi nesse cenário que, em meados de 2003, houve a ocupação de três prédios centrais, o hotel Danúbio (Av. Brigadeiro Luiz Antônio), um prédio na Rua Conselheiro Nébias e o Hotel Términos, na Rua Ipiranga<sup>3</sup>. Em 2004 foi oficializada a articulação dos movimentos sociais com um encontro organizado em Ribeirão Pires. Reconhecendo que as mudanças políticas promoveram avanços no cenário social, mas que ainda são insuficientes diante da estrutura excludente do nosso país, e tendo por lema “*Quem não luta, tá morto*”, a FLM prioriza a estruturação das ações através de sua base militante. De acordo com os próprios:

Para fazer esta luta, a Frente uniu movimentos com experiência na luta por moradia no centro, movimentos com experiências acumuladas em trabalho de base, com associações de bairro, organização em cortiços. Muitas das lideranças que se juntaram à composição da Frente vieram das experiências dos mutirões de auto-gestão que aconteceram entre 1989 e 1991 na cidade, como a Associação dos Moradores do Conjunto Habitacional 26 de Julho. Toda esta experiência e o acúmulo histórico da luta por moradia em toda a cidade têm feito a FLM funcionar (FLM, <http://www.portalfm.com.br/luta-historico>)

Os movimentos participantes da FLM são: o Movimento Sem Teto do Centro (MTSC); Fórum de Moradia e Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Formaesp); Fórum de Mutirões; Associação de Mutirões; Movimento Quintais e Cortiços da Região da Mooca; Movimento Terra de Nossa Gente; e quatro grupos que se uniram no Movimento Sem-Teto pela Reforma Urbana (14 de janeiro, Grupo da Água Rasa, Grupo

---

<sup>3</sup> Informação retirada do site da FLM <http://www.portalfm.com.br/luta-historico>

Colorado e Setor 8, todos da Zona Leste). Todos eles estavam no primeiro encontro da FLM em Ribeirão Pires. Mais tarde juntou-se o Movimento de Moradia da Zona Norte e o Movimento Centro-Norte<sup>4</sup>. A estruturação dos movimentos sociais por moradia constitui uma resposta à expulsão da classe trabalhadora para as áreas periféricas e às condições degradantes de moradia das regiões centrais (pensões e cortiços). Levou-os a se organizarem também o fato de que já eram combatidos pelo poder público desde o início do século XX.

### **3.1 Estratégias metodológicas**

O estudo de campo e a base teórica são fundamentais para compreendermos e inferirmos hipóteses sobre o objeto de estudo. Para iniciar a pesquisa foi estruturada uma visita ao campo, a fim de se conhecer a base que participa do movimento social. Foram freqüentadas reuniões com o grupo de base da Fazenda da Juta (Zona Leste de São Paulo), cuja coordenação é de Sérgio e de Marinete. As reuniões ocorrem uma ou duas vezes por mês em uma escola da região. Além dessas reuniões de coordenação, o estudo de campo foi constituído de visita à ocupação da Av. São João número 588; frequência às atividades culturais do Centro Cultural São João; palestras realizadas aos grupos de base e entrevistas estruturadas.

O contato com a FLM foi iniciado por intermédio dos coordenadores, em especial a coordenação do grupo da Fazenda da Juta. Após aproximadamente dois meses frequentando as reuniões de base e atividades (março e abril), entre maio e junho foram realizadas as entrevistas. O questionário foi estruturado para esclarecer as estratégias de mobilização, as formas de luta, ideologia, o grau de institucionalização e a percepção da base sobre as estruturas socioeconômicas da sociedade brasileira.

---

<sup>4</sup> Informação retirada da página da FLM <http://www.portalfm.com.br/luta-historico>

## **4 APRESENTAÇÕES DOS DADOS**

As entrevistas estruturadas são fundamentais para compreender as especificidades dos integrantes dos movimentos sociais e também para verificar a prática em relação à teoria. As entrevistas foram realizadas com coordenadores e membros da base militante do movimento.

Mesmo entre as lideranças foram privilegiados os que eram militantes de base e participavam ativamente do movimento. Foram entrevistadas nove pessoas ligadas à diversos grupos da FLM – Frente de Luta para a Moradia, no intuito de compreender o perfil dos grupos de base. O grupo de base da Fazenda da Juta e da Ocupação da Av. São João nº588 foram acompanhados durante três meses. As reuniões de base, de coordenação e os eventos foram fundamentais para a análise do movimento social.

Grosso modo, o perfil dos integrantes das reuniões é composto por indivíduos de 30-60 anos. São trabalhadores cuja história de vida está ligada à luta. Os mais jovens são geralmente os filhos desses trabalhadores, que passam a compor o movimento influenciado pela família. Mas nos grupos de base utilizados na pesquisa, a maioria era de representantes de famílias da classe trabalhadora.

### **4.1 Ação coletiva e mobilização**

Para Sidney Tarrow movimentos sociais são “[...] vigorosos esquemas de ação coletiva e que, além disso, desenvolvem a capacidade de manter provocações sustentadas contra opositores poderosos” (2009, p.19).

A ação coletiva, de acordo com Tarrow (2009) está na base dos movimentos sociais:

A ação coletiva pode assumir muitas formas – breve ou sustentada, institucionalizada ou disruptiva, monótona ou dramática. A maioria delas ocorre no interior das instituições, que agem em nome de exigências novas ou não atendidas e que se comportam de maneira que fundamentalmente desafia as autoridades (p. 21).

Em suma, Tarrow define os movimentos sociais como desafios baseados em objetivos comuns, solidariedade social numa interação sustentada com as elites, opositores e autoridade.

Tendo como cerne quatro propriedades: protesto coletivo, objetivo comum, solidariedade social e interação sustentada. Relacionando essas teorias com as entrevistas, a ação coletiva dos movimentos sociais, que formam a Frente de Luta por Moradia inicia-se nos grupos de base. De acordo com o coordenador Sérgio, ele foi apresentado ao grupo de base da Força Habitacional II por um amigo, que era participante desse grupo, na Fazenda da Juta. Esse bairro tem um condomínio que foi erguido a partir do esforço do movimento social, não só político, mas físico.. Os prédios da fazenda da Juta foram edificados com a ajuda dos participantes através do sistema de mutirão. Por conta dessa demanda já alcançada e da necessidade de incluir ainda mais, esse grupo de base ainda realiza reuniões por mais demandas. A entrevista com outros integrantes revela as estratégias de mobilização e as motivações para a participação. A totalidade dos entrevistados apontou que foi a comunidade e as necessidades pessoais que os levaram ao grupo. Conheceram os coordenadores através de amigos em comum. Desse modo, a inclusão no grupo de base se deu pela rede de amizades e pela solidariedade. Para participar desses grupos, há o pagamento de um valor simbólico de cerca de R\$ 10,00 mensais. Uma espécie de “fundo de ocupação”, que será utilizado na compra de mantimentos ou outras despesas. Geralmente, após a inclusão em um grupo, há um cadastro no Movimento Social, e de maneira que, se houver alguma demanda como bolsa aluguel ou cadastros do CDHU, as listas saem dos grupos de base.

A ação coletiva dos grupos de base não ocorre de forma passiva e gratuita. Pelo contrário, existem estratégias de mobilização, que estimulam a adesão dos participantes.

## **4.2 Estratégias de mobilização**

Em todas as entrevistas é perceptível que as estratégias de mobilização são essenciais para o empoderamento dos membros da classe trabalhadora participantes de movimentos sociais.

Antônia Ferreira do Nascimento, coordenadora da ocupação da Av. São João, número 588, relatou que sempre teve interesse em trabalhos coletivos. A princípio, esse interesse foi direcionado para a escolha da profissão na área da saúde. Apesar de não ter conseguido cursar medicina, a coordenadora continuou a perseguir a intenção de trabalhar em uma profissão com

vínculo social. Moradora da Zona Leste à época, Nascimento ficou sabendo do movimento social através de uma vizinha. E relata:

[...] Aí pensei: como tinha um grupo de base tão perto da gente e a gente não sabia! Precisamos espalhar isso, fazer panfletos, informar as pessoas que existe o movimento. Informar que elas podem lutar por moradia. Caminhar juntos [...] (Entrevista de Antônia Ferreira do Nascimento em 17 de maio de 2014).

Por vezes, a noção de empoderamento surge em uma ocupação, como se nota no caso do coordenador Sérgio:

[...] me tornei coordenador porque eu vi que queria participar do movimento por completo, não queria só participar das reuniões. Falei para Marinete (coordenadora), continuo na reunião se eu puder participar de tudo, do movimento e da reunião [...] (Entrevista de Antônio Sérgio em 18 de junho de 2014).

As estruturas de mobilização são fatores importantes para manter a coesão do movimento social. Com base nos depoimentos, identificamos algumas ocorrências que se repetem, entre elas a localidade. As reuniões costumam ocorrer nos bairros periféricos, que já são a base dos grupos. O coordenador escolhe um local de fácil acesso para acolher as reuniões. De acordo com Antônia Ferreira Nascimento:

[...] A necessidade de fazer as reuniões em igrejas é importante. Pois ela é tida no bairro como centro social. Então a igreja é um caminho, para receber uma pequena ajuda, se encontrar com Deus. Mas também buscar seus direitos. Então por esse papel dentro da comunidade, geralmente buscamos a igreja. Para conscientização dos seus direitos [...] (Entrevista de Antônia Ferreira em 17 de Maio de 2014).

E Antônio Sérgio relata: “a gente pede espaço nas escolas, nas igrejas para ver quem pode ceder um espaço para a gente. Como os grupos não têm uma verba constante, então a gente não pode alugar um espaço [...] No momento fazemos na escola” (Entrevista de Antônio Sérgio em 18 de Junho de 2014).

Manoel Del Rio é uma das lideranças da FLM e participa de movimentos sociais por habitação há muito tempo. Sempre associado à luta coletiva, participou intensamente das lutas em meados das décadas de 70 e 80, em que a classe operária começava a perceber a importância de lutar pela moradia. “Tinha um grupo de moradia ali na Mooca. Tinha um grupo de cortiços na Mooca [...]”.

[...] Com aquela crise econômica (década de 80), tava muito difícil trabalhar a questão operária na fábrica. Porque tinha muito desemprego... E qualquer movimentação que ele fazia, o patrão mandava embora. Então foi uma discussão na associação. Então vamos investir na moradia, porque na moradia o operário pode se organizar e o patrão não irá se importar [...] (Entrevista de Manoel Del Rio em 3 de junho de 2014).

Para Del Rio a base dos movimentos sociais de habitação vem dos operários, que não podiam ou não queriam lutar nos sindicatos.

O temor do patrão ou do poder público é uma constante nas entrevistas. Sobretudo, porque os movimentos de moradia envolvem os atos públicos e ocupações.

Mas até mesmo as reuniões geram dúvidas entre a base, em especial, quanto à compreensão dos direitos dos trabalhadores. Manoel Del Rio formou-se em Direito, justamente para auxiliar em sua luta pelos movimentos sociais. “Eu trouxe a legislação para dar fundamentação para a luta. Você sabe que a lei tem muita força no meio popular. O Direito tem muita força no meio da população. Eu sempre procurava trazer a legislação para fortalecer a luta deles [...]” (Entrevista de Manoel Del Rio em 3 de junho de 2014).

Compreender as estruturas do Direito Constitucional Brasileiro é uma ferramenta importante para manter a base dos grupos unida. Del Rio é advogado e compreende a jurisprudência e o conservadorismo dos profissionais da lei. Na legislação, de acordo com Del Rio, “Esse negócio da propriedade abandonada. Eu estudei no Código Civil, o direito à

propriedade. No direito à propriedade, o proprietário pode usar, gozar ou vender [...] Se você não usa ou não vende é considera a coisa abandonada [...]” (Entrevista de Manoel Del Rio em 3 de junho de 2014).

Antes de a constituição promulgar o direito à moradia, Manoel Del Rio utilizava como argumentação o Estado de Necessidade. Se o quórum das reuniões de base diminuía, às vezes devido a recomendações do pastor, ou mesmo medo de retaliações, utilizava até argumentos religiosos para fortalecer a ação. Segundo Manoel Del Rio “[...] se está em Estado de Necessidade, não é crime ocupar [...]”. Os membros do movimento preocupam-se muito em estar dentro da lei. Para justificar sua argumentação utiliza a Constituição Federal, Direitos Humanos e trechos da Bíblia. Entre estes, a passagem de Eclesiastes e do Profeta Isaias “[...] que é até socialista... construirão casas e nela habitarão” (Entrevista de Manoel Del Rio em 3 de junho de 2014).

Antônia Ferreira do Nascimento também relata a maior participação de mulheres do que de homens nos grupos de base. Segundo Ferreira, a mulher tem que lidar com diversas tarefas, trabalha fora, cuida da família e do marido. Além disso, ela busca um mundo melhor para seus filhos, tem uma maior preocupação com o outro.

Segundo Tarrow, estamos diante de um movimento social “quando as ações se baseiam em densas redes sociais e estruturas conectivas e recorrem a quadros culturais consensuais e orientados para a ação, elas podem sustentar essas ações no conflito com opositores poderosos.” (TARROW, 2009, p. 27).

Tarrow afirma que a ação coletiva ocorre quando há recursos externos para escapar da submissão e espaço para utilizá-los. Nesse caso, há um espaço institucional, quando há uma divisão nas elites e a repressão do Estado diminui (TARROW, 2009, p. 27). E. P. Thompson estudou os motins da fome no século XIX e inferiu que havia mais elementos do que a classe social nos movimentos sociais. O trabalho de Thompson na obra “Costumes em comum” propõe a definição de economia moral, em que há uma reciprocidade interclasses, uma dialética na luta pelos direitos. Por serem anteriores ao processo de proletarização, os motins da fome demonstram o caráter cultural dos movimentos sociais e não somente a perspectiva da luta de classes no aspecto econômico e conseqüentemente no ambiente industrial. Não havia a intenção de modificar o sistema, mas apenas de reivindicar melhores condições de vida, nesse caso, regulamentação dos preços do trigo.

A luta no movimento social não é sempre constante. Os temores por represálias por parte dos membros também são parte do processo. Durante as entrevistas, apenas um membro relatou

o medo de ocupar. Podemos inferir que em um Estado centralizador como o brasileiro, as tentativas de ação coletiva são sempre rechaçadas com violência. Como recurso argumentativo para a coesão as lideranças utilizam o Direito Constitucional, a noção de futuro e até a religião como estratégia para manter os grupos unidos.

#### **4.3 Estratégias de ação: a classe trabalhadora tem direito à cidade**

A cidade de São Paulo apresenta ao longo de sua história o processo de exclusão das classes subalternizadas. No início do século XX a remodelação do espaço urbano, como na época de Haussmann em Paris, obrigou as populações pobres a se deslocarem da zona central. O Brás, ladeado pelo Rio Tamanduateí, que alagava constantemente transformando a região da Rangel Pestana na chamada Várzea do Carmo, recebia a maioria das populações pobres de São Paulo. À época eram conhecidas as “lavadeiras do Carmo”, que trabalhavam na lavagem de roupa das famílias dos campos Elíseos. A sequência de reformas do espaço urbano retificou o rio Tamanduateí e mais mudanças transformavam a cidade de São Paulo no espaço de circulação do capital. A cidade passou por vários processos de transformação do espaço pela ação do Estado e do capital. Nesse ínterim, a classe trabalhadora foi cada vez mais sendo afastada do centro ou obrigada a morar em lugares insalubres, como pensões e cortiços. Isso se mantém até os dias de hoje, revelando que a questão é estrutural e histórica e ainda está em processo. Haja vista que atualmente temos a emergência dos movimentos sociais por direito a moradia.

Tarrow afirma que as pessoas se engajam em confrontos políticos quando mudam padrões de oportunidades e restrições políticas, criando estrategicamente um repertório de ação coletiva, o que gera novas oportunidades, que podem ser utilizadas por outros movimentos, em ciclos mais amplos de confronto (TARROW, 2009, p.38).

O argumento de Tarrow é que a estratégia de ação não é algo incontrollável, mas planejado: “[...] o confronto político não nasce da cabeça dos organizadores, mas está culturalmente inscrito e é socialmente comunitário” (TARROW, 2009, p. 39).

A ação da FLM é planejada de acordo com as necessidades dos grupos de base, as informações sobre os edifícios e as oportunidades políticas. Sérgio relata que “a gente fez várias

reuniões três meses antes, escolhendo qual prédio iríamos ocupar no centro. Nós escolhemos o Hotel Colúmbia, e a gente ocupou com quase 600 pessoas. Levamos diversos ônibus e levamos as famílias da Zona Leste para o Centro [...]”. Após a entrada das famílias, a polícia chegou ao local e impediu a entrada de água e comida no recinto. Os membros do movimento limpavam o hotel, que de acordo com diversos entrevistados estava coberto de lixo, em situação grave de infestações de animais, ameaçando o entorno. Após a ligação da água, ocorre a limpeza e instalação das famílias.

Nazareth, coordenadora do Centro Cultural São João na ocupação do Hotel Colúmbia, narrou a ocupação:

[...] 22h partimos de novo para a Fazenda da Juta. Aquele nervosismo todo... [...] todos os ônibus foram para o alvo, tinha dado tudo certo, e o nosso foi o último sair da Juta. No caminho ficamos sabendo, mas quando chegamos no Largo do Paissandu e todo mundo desceu do ônibus a polícia já estava do outro lado, a postos, já tinha helicóptero no ar. Aí a gente não podia mais ocupar o prédio porque a guarda municipal tava na frente. Aí começaram a cantar, dizendo que era uma vigília no Largo Paissandu. Um monte de mulher com criança. Aí uma liderança disse que ia andando e vocês vem seguindo cantando. Aí a gente veio cantando aquela música “Entra na minha casa, entra na minha vida.” E os policiais todos parados, olhando para aquele povo. Era uma 0h quase, mas todo mundo sabia o que tava acontecendo. Tanto que estourou várias bombas em tudo que é lugar [...]

Aí quando chegou na frente desse prédio, milagrosamente uma Kombi com vários homens com marreta e martelo na mão e começaram a pular na porta. A porta se abriu. A mulherada cantando [...] Foi muito bonita a entrada nesse prédio. Acho que foi uma das ocupações mais bonitas que já vi até hoje na minha vida. Martelaram a porta e de repente a porta abriu [...]. Como se tivesse alguém dizendo: entra gente. As pessoas entraram calmamente [...]  
(Entrevista cedida em 23 de maio de 2014 – Nazareth)

O relato de Nazareth é um dos mais interessantes para analisar a ação dos movimentos, sobretudo no que concerne a ação coletiva e o enfrentamento com a polícia. A estratégia utilizada foi a de imitar uma procissão. Após a entrada, apesar da repressão na rua, a polícia não se envolveu. Proibiram a entrada de água e mantimentos, mas não invadiram a ocupação. Por certo sabiam que o Hotel Colúmbia não cumpria a sua função social, de acordo com a constituição. A situação do prédio era precária. Nazareth conta que tirou diversos baldes de

lodo do Hotel, o prédio estava praticamente em escombros. Imundo, infestado, sem água e luz. Foi recuperado com a força dos membros do movimento.

Os movimentos sociais possuem um repertório de confronto. Eles podem ser divididos, de acordo com Tarrow, em três tipos básicos: violência, ruptura e convenção. A forma violenta é mais fácil de ser iniciada e fica restrita a pequenos grupos, porque está ameaçada pela repressão. A forma convencional é a que as elites aceitam e de certa forma facilitam a ação. A ruptura apresenta uma nova forma de ação, que pode surpreender os membros da elite. Tarrow a define: “a ruptura é a fonte de grande parte da inovação no repertório e do poder em movimento, mas é instável e facilmente gera violência ou se torna rotinizada na convenção” (TARROW, 2009, p.138).

Infere-se que Tarrow considera que os movimentos sociais estão sempre na berlinda, quando se trata de suas ações (públicas ou privadas). Pois os processos de repressão por parte do Estado e das elites acompanham as ações e podem apreender e reprimir de maneira efetiva essas ações. O movimento deve inovar suas linhas de ação, mas mantendo certo grau de convencionalidade. Isso pode ser observado na ação da FLM. Suas estratégias de ação são iniciadas nas discussões das ações na cúpula. Depois há o repasse de informações aos grupos de base e organização das ações. Publicamente são realizadas passeatas e atos, consideradas formas convencionais de ação. A ocupação é o último passo, após a escolha e estudo do edifício, sobretudo se ele se encaixa na categoria “abandonada”. Conforme citado por Manoel Del Rio, a propriedade que não tem uso e não está à venda constitui-se como abandonada. A ocupação é uma tática convencional, posto que foi utilizada por outros movimentos (como na década de 60). A ruptura com o modelo convencional por parte da FLM está na ocupação da propriedade privada com base na argumentação jurídica.

#### 4.4 A institucionalização dos movimentos sociais

A institucionalização de um movimento social pode ser considerada uma questão de difícil resolução. A argumentação de Tarrow nos revela que as estruturas de um movimento social são, paradoxalmente, voláteis. Elas podem ter um eixo, um núcleo duro, representado por sua base militante e suas lideranças. Mas a especificidade é o seu caráter móvel, observável nas pessoas que o frequentam, até nas ideologias, formas de mobilização, modos de lidar com o Estado, classes hegemônicas e mídia. Portanto, um movimento social está sempre caminhando em “gelo fino”, sempre dividido entre as atividades de ruptura e as convencionais.

Quando os métodos de confronto se tornam mais conhecidos pelas elites, Estado e polícia, e o controle sobre os militantes se torna mais efetivo, as lideranças procuram saídas institucionais para o impasse.

Propõe Tarrow (2009, p.134) que:

[...] os movimentos institucionalizam suas táticas e tentam obter benefícios concretos para seus apoiadores através de negociações e acordos- um caminho que frequentemente é bem-sucedido ao custo de transformar o movimento em um partido ou grupo de interesse.

A FLM é um coletivo de diversos movimentos sociais, mas ainda não é oficialmente institucionalizada.

Uma das questões mais importantes desse artigo está na reflexão sobre a institucionalização do movimento e de um possível apoio a um partido político. Manoel Del Rio, uma de suas lideranças, disserta que a FLM não é institucionalizada, porque a ideia era propor uma articulação de maior envergadura.

Contudo, Del Rio está ligado ao Partido dos Trabalhadores, do qual é militante e concorre a cargos públicos:

[...] Estou no partido desde 1981. O movimento, ele é autônomo em relação ao partido, né?! Autônomo assim, ele tem vida própria, não segue o que o partido determina. O partido também nem determina... o partido é muito frágil nessa questão dos movimentos sociais. Na verdade, as pessoas que são militantes falam: Ah, eu sou do PT. Mas a discussão nem acontece lá... Acontece assim... em eleição, discute programas. Mas não tem assim... É autônomo, nem tudo mundo também é [...] (Entrevista de Manoel Del Rio em 3 de junho de 2014).

Para Del Rio, é necessário que o movimento se posicione perante algumas conjunturas eleitorais, abra um caminho junto ao Estado. Ilustra sua argumentação com a gestão Erundina, na qual as demandas sociais foram atendidas. Como saúde, educação, transporte e moradia. As gestões do antigo PDS<sup>5</sup> (Paulo Maluf e Pitta) e PSDB (José Serra) são consideradas como “terra arrasada”, em que há grande repressão e nenhum diálogo com as entidades coletivas. A atual conjuntura política exige uma boa relação com o Estado, por conta dos programas sociais, como “Minha casa, Minha vida”. Infere-se que, apesar de a FLM não estar institucionalizada, suas ações caminham para a cooptação. Sua relação com o Partido dos Trabalhadores, apesar de não ser oficial, é de grande proximidade, pois Del Rio também é militante. A maioria dos entrevistados apontou como político preferido o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e muitos afirmam que votaram em Haddad para prefeito. Há sem dúvida uma simpatia à gestão petista. De todo modo, outros movimentos sociais de moradia, como o MTST, que tem como uma das lideranças Guilherme Boulos, mantém relações estreitas com o PSTU – Partido Socialista Trabalhista Unificado.

#### **4.5 Direitos humanos e movimentos sociais: o reconhecimento das lutas**

A constituição brasileira, no seu Art. 6º, promulga que:

[...] São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade

---

<sup>5</sup> O Partido Democrático Social – PDS foi o partido de Paulo Maluf e seus asseclas políticos. Herdeiro ideológico da ARENA, mudou a sua designação para Partido Progressista – PP, devido aos recorrentes escândalos de corrupção e evasão de divisas de Maluf, nacional e internacionalmente.

e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 64, de 2010).

Fábio Konder Comparato (2013, p. 71) ressalta que “o reconhecimento oficial de direitos humanos pela autoridade política competente dá muito mais segurança às relações sociais”. Conforme averiguamos anteriormente, Marx e Calixto S. Junior afirmam que o sistema jurídico está em conformidade com as relações de produção de uma sociedade. Ou ainda, segundo Biancarelli, contribui firmemente para manutenção de seu *status quo*, como, por exemplo, através do texto constitucional (no caso a lei tributária). Podemos dizer também que essa ação está na jurisprudência (as decisões dos magistrados sobre as reintegrações de posse) e na conservação de membros da classe hegemônica nos postos diretivos, que conservam estruturas conservadoras no judiciário.

Os Direitos Humanos, sobretudo a partir da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, possibilitam uma nova visão sobre o Direito. Pois são tratadas justamente as formas de resistência aos resultados sociais do sistema capitalista. Em nosso caso, a exclusão social da maioria da sociedade.

Comparato (2013, p. 77) afirma que:

Com base no princípio da solidariedade, passaram a ser reconhecidos como direitos humanos os chamados direitos sociais, que se realizam pela execução de políticas públicas, destinadas a garantir amparo e proteção social aos mais fracos e mais pobres; ou seja aqueles que não dispõem de recursos próprios para viver dignamente.

Os chamados direitos sociais podem ser definidos como os direitos do trabalhador – direito à saúde, à moradia, à seguridade social e à educação. No Pacto Internacional de Direitos Sociais e Culturais de 1966, em seu artigo 11, a pessoa humana tem direito a um nível de vida adequado com acesso à alimentação, vestimenta e moradia.

Comparato afirma ainda que “é também fundamento na solidariedade que, em vários sistemas jurídicos contemporâneos, consagra-se o dever fundamental de se dar à prosperidade privada uma função social” (COMPARATO, 2013, p. 78).

A constituição brasileira já prevê a função social da propriedade, em que a propriedade privada não fica restrita ao âmbito do direito privado, mas dividida entre o indivíduo e o interesse público. A função social da propriedade é obrigatória. E quando isso não é respeitado, o proprietário perde a legitimidade diante da lei e terá de responder às sanções da jurisprudência, que pode culminar na ressocialização da propriedade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tarrow (2009, p. 158) argumenta que “é na luta que as pessoas descobrem quais são os valores que compartilham e quais os que os dividem, e aprendem a enquadrar suas demandas em torno dos primeiros e esconder os últimos [...]”. Essa afirmação acerca da ação do sindicato polonês Solidariedade poderia descrever diversos movimentos sociais. Pois somente na resistência e na ação coletiva é que encontramos a chance de questionar.

Movimentos sociais no Brasil são especialmente interessantes de analisar. Primeiro porque a estrutura política e macroeconômica dessa nação sempre esteve voltada para as classes hegemônicas. Mesmo quando o poder público rompeu com as oligarquias e iniciou o processo de industrialização, as estruturas arcaicas mantiveram-se: O Estado centralizador, as políticas econômicas que concentravam renda, a Justiça que promulgava leis para manter as contrariedades que favoreciam as relações de produção. Como uma espécie de círculo vicioso, a sociedade brasileira esteve presa às suas estruturas econômicas e políticas. Para sustentar essa continuidade, uma série de repertórios argumentativos foi criada. Desde a tecnocracia estatal, com seus institutos de pesquisa, leis tributárias, a política trabalhista de Vargas, desenvolvimentismo nacional, entre outros.

Durante a Era Vargas, cuja principal retórica era a do apoio à classe trabalhadora, não houve efetiva distribuição de renda. Conforme argumenta Bonduki, a política macroeconômica de investimento no setor industrial em detrimento ao setor de moradia foi organizada por Vargas para redirecionar o investimento dos capitais excedentes. A habitação social vinha dos fundos de pensão, cujos ativos eram investimentos dos salários dos trabalhadores. Vargas não investiu integralmente na habitação social, mas sim os trabalhadores, que as construíram através dos investimentos dos fundos de pensão. A política econômica do governo do Partido dos

Trabalhadores (Lula e Dilma) também tem como argumento o desenvolvimento. Programas sociais têm revolucionado as classes trabalhadoras, sobretudo as mais próximas da miséria. Contudo, os programas e o aumento do crédito não são mais suficientes. Os trabalhadores desejam mais. A cidadania não deve depender, em especial no Brasil, do poder de consumo. A classe trabalhadora deseja inclusão social, cidadania plena e estruturas sociais de saúde, educação, transportes e moradia.

Os movimentos sociais são a linha de frente desse confronto. De acordo com Tarrow (2009, p. 21) são “desafios coletivos baseados em objetivos comuns e solidariedade social em uma interação sustentada com as elites, opositores e autoridade”.

Supõe-se que FLM, coletivo formado por diversos movimentos sociais, apresenta as características que Tarrow enumera. Possui uma ação coletiva, que não é definida apenas pela identidade de classe, mas também pela sua carga histórica. A base militante é composta pela população excluída da cidadania e do direito de viver dignamente na cidade de São Paulo.

Entre as inferências possíveis neste estudo, é possível apresentar algumas. A primeira é que o sistema capitalista empreenderá todas as suas forças na superação de todos os obstáculos para a sua circulação, inclusive as físicas, ocasionando uma verdadeira multiplicação dos espaços voltados para as suas relações de produção.

A segunda, é que as estruturas macroeconômicas e políticas brasileiras, desde a colonização, privilegiaram as classes hegemônicas. Para tanto criaram estruturas sociais, políticas, econômicas e jurídicas propícias à concentração de renda e à exclusão social da maioria da população, em especial, os descendentes das vítimas do modo de produção escravista (negros, índios e pobres).

A terceira, é que a cidade de São Paulo, tanto na oligarquia como na industrialização, apresenta a influência mais perceptível da ação do capital no espaço. Materializou as contradições do sistema em sua formação e em suas constantes remodelações. Apresentando a “olhos vistos” o que não se percebe no sistema capitalista – a sua força criadora e destrutiva, mas acima de tudo desumanizada e desumanizadora.

A quarta inferência é a criação de uma retórica, cuja única intenção é privilegiar as estruturas arcaicas. Nesse caso, mediante um Estado Centralizador, que mantém a classe hegemônica no poder e serve ao capital internacional.

A quinta inferência, é que a retórica do desenvolvimento foi amplamente utilizada pelo Estado Brasileiro. Porém, observa-se que o recrudescimento das relações capitalistas, no modelo vigente, contribui para o empobrecimento das classes trabalhadoras. Porque

desenvolvimento, ao menos por hora, não tem sido sinônimo de distribuição de renda. Os movimentos sociais de moradia, quando analisados, expõem todas essas estruturas. Dessa forma, sem compreendermos a ação do capital, a economia brasileira e a formação da cidade de São Paulo, não chegaremos a um entendimento sobre essa conjuntura.

Em suma, atribuir as questões sociais e políticas a uma conjuntura constitui-se um erro. Pois apenas com uma análise das estruturas sociais, políticas e econômicas podemos entender a constituição social do Brasil. Desse modo, devemos desconstruir ideologias de que os atuais governos à esquerda, Lula-Dilma, irão sanar todas as problemáticas sociais dessa nação. Ainda que, muito já tenha sido feito, conforme exposto nas análises da economia brasileira. Contudo, para superarmos os arcaísmos, as reformas (política, judiciária e econômica) têm que ser estruturais para que a superação da miséria e da exclusão social seja efetiva. E ainda, que as classes hegemônicas brasileiras percebam que nenhum governo à esquerda irá realizar movimentos na direção contrária do capital. Infelizmente isso é impossível. As posturas ideológicas da elite conservadora, assim como a mídia hegemônica terão que ao menos tentar ver o Brasil de perto. E os movimentos sociais são fundamentais para esse enfrentamento.

A FLM é uma ação coletiva que resiste a essa estrutura histórica e vai além da reflexão sobre o espaço urbano. Essa ação coletiva nos instiga a pensar nas formas de resistência ao próprio sistema. Ao reconhecer que há possibilidades de pensarmos novas alternativas. Os Direitos Humanos nos mostram que é possível realizar mudanças institucionais na tentativa de reverter os problemas sociais. Contudo, para saná-los totalmente, devemos repensar o caráter do sistema.

A FLM apresenta ações que não são totalmente rupturais, o ato e a ocupação são velhos conhecidos dos movimentos sociais. Sua inovação está no caráter político, porque tudo que propõe é apenas a legalidade. Ou seja, o que está na lei: que a função social da propriedade seja respeitada.

No Brasil os movimentos sociais lutam pela *legalidade da legislação*, ou seja, a garantia dos direitos sociais à maioria da população. Faz-se notar o Movimento Sem Terra (MST), que há anos luta pelo direito à propriedade das classes trabalhadoras rurais. Desse modo, os movimentos sociais no Brasil são *legalistas*.

Os movimentos sociais nos permitem pensar a sociedade como um todo e, no caso da brasileira, a patológica continuidade de suas estruturas de exclusão. A longa duração da concentração de renda, desde a colonização, e a exclusão das populações herdeiras do modo de produção escravista demonstram os esforços da classe hegemônica em se manter firme em seus

propósitos. Haja vista a longa duração (novamente) do Estado centralizador brasileiro. O risco principal dos movimentos sociais que procuram apenas a legalidade é o da institucionalização. Contudo, diante de um Estado centralizador, até mesmo a resistência se vê obrigada a negociar, a se perfilar para compreender as conjunturas políticas. O risco iminente dessa ação está na manutenção do status quo e na paralização das ações. No entanto, apesar da repressão, a percepção da força e da luta através da ação coletiva é fundamental. Como dito por Antônia:

“A força popular tem um poder enorme, então vou te dizer uma coisa, eu nunca vi uma conquista tão maravilhosa como foi a de agora, nunca imaginei que os movimentos sociais iriam conseguir uma ação que foi feita no dia 6, ganhar um terreno na Barra Funda, no Belém (do lado do metrô), Armênia, Bresser, foram cinco prédios no centro. Fico até emocionada. É... por conta de uma luta. Foi o governo, não? Foi o povo que fez a luta. Mas o governo que está aí ficou aberto.” (entrevista cedida em 17 de maio de 2014 – Antônia F. Nascimento).

## 6 REFERÊNCIAS

BIANCARELLI, André M. “A Era Lula e sua questão econômica principal crescimento, mercado interno e distribuição de renda”. São Paulo, SP. Instituto de Estudos Avançados - (04 de fevereiro de 2014). <file:///C:/Users/celacc/Downloads/82400-113742-1-SM.pdf>

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2011: FAPESP.

COMPARATO, Fábio Konder. “A afirmação Histórica dos Direitos Humanos”. São Paulo, SP: Saraiva 2013.

HARVEY, David. O enigma do capital: e as crises do capitalismo / David Harvey; tradução João Alexandre Peschanski. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço / David Harvey; tradução Carlos Szlak. São Paulo, SP: Annablume, 2006.

IANNI, Octávio. “Estado e Planejamento Econômico no Brasil”. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2009.

MARX, Karl. “Contribuição à Crítica da Economia Política”. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008.

POCHMANN, Márcio. “Perspectivas do Desenvolvimento Brasileiro”. Livro 10. Brasília, DF: IPEA, 2010.

[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro10\\_perspectivasdodese nvolvimento.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro10_perspectivasdodese nvolvimento.pdf)

SALOMÃO FILHO, Calixto; FERRÃO, Brisa Lopes de Mello e RIBEIRO, Ivan César “Concentração, Estruturas e Desigualdade. As origens coloniais da pobreza e má distribuição de renda”. São Paulo, SP: Idciid, 2008.

[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/17463/mod\\_resource/content/1/CHY%20-%20Calixto%20-%20Aula%202.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/17463/mod_resource/content/1/CHY%20-%20Calixto%20-%20Aula%202.pdf)

TARROW, Sidney. O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Trad. Ana Maria Sallum. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. “Costumes em Comum”. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

## 7 ANEXOS

### **Entrevista com Manoel Del Rio**

**Coordenador da Frente de Luta por Moradia em 3 de Junho de 2014**

**Entrevistador: Nome completo?** Manoel Del Rio

**Entrevistador: Qual a sua idade?** 64 anos

**Manoel Del Rio :** Salário pago abaixo de seu valor. Você sabe que tem toda uma história aí né?

Quando decretaram a base do salário mínimo em 1942. Eles retiraram o valor da do salário. Eles retiraram a moradia do salário. Eu acompanhava isso, porque eu trabalhava na CUT. Eu até tinha uma lista.

Eles tinham uma lista de produtos para cálculo de salário. Incluía chapéus, ternos, par de sapatos, eles tinham uma lista. E em cima daquilo, do custo daquilo, eles pleiteavam os salários . Me ficou na cabeça essa questão né?

Você vê aqui em São Paulo, as indústrias faziam casas, as vilas operárias. As indústrias Matarazzo normalmente sempre tinha casa. A Antártica aqui na Mooca tinha uma vila de casinhas para acomodar os trabalhadores.

Normalmente perto da empresa tinham vilas de casas para acomodar os trabalhadores, os chefe, engenheiro, gente importante tinha a moradia.

A questão habitacional tinha esse viés. A moradia foi retirada para efeito de cálculo de salário. A partir de 1942. Pegavam o salário mínimo básico, pegavam a cesta básica, alimentação.

**Maíra: Sua formação é em Direito? Você é advogado? Qual o primeiro momento em que você começou a pensar?**

Sempre tive envolvido. Sempre direcionei o trabalho para a questão operária. Na ditadura, tudo era muito difícil, não tinha nenhuma organização social, operária. Enveredamos para a questão operária nos bairros. Sempre tava voltado para aquela luta - Salário e sobrevivência. Foi aí que começamos a estudar os salários. E aí gente começou a verificar a questão da moradia. No início em S.P você não podia dizer que tínhamos um problema habitacional. Eu falo pela minha experiência. Cheguei a trabalhar em 1976 com o movimento dos terrenos clandestinos. Teve um movimento em São Paulo. Eu também fui vítima.

Operário ganhava o salário mínimo, comprava um terreninho. Eu também fiz isso, comprei um terreninho. Depois, aquilo era grilado, eu mesmo comprei, e peguei o dinheiro de volta. E então os operários no início, pegavam esse dinheiro iam para loteamentos. Assim foi loteando toda a periferia.

Os operários trabalhavam e faziam a prestação do terreno. Trabalhavam nos fins de semana, para fazer a casa, dois cômodos. Isso funcionou até o início na década de 80, final da década de 70, mas depois as terras ficaram mais caras e o salário mais baixo.

Então dá uma lida no meu texto da ditadura. Eu menciono: Não havia quase favelas em São Paulo. Tem uma estatística de que não havia praticamente favelas...

Ó então você dá uma lida... Porque tem aqui no texto da ditadura...

O grande papel da ditadura foi destruir os meios de sobrevivência dos trabalhadores. Tanto no campo, como nas cidades. No campo provocou o maior êxodo rural da história e o

rebaixamento dos salários. Nessa tabelinha mostro o quanto o trabalhador precisava trabalhar para comer...

E depois quando chegou em 1989 e 1990, já fim da ditadura, praticamente trabalhava para comer. Aí eu faço a ligação com a moradia. A estatística de que não tinha favela, em Diadema não havia favela em 1974. Em 1990 já tinha 45. Em Santo André tinha 01 favela em 64, em 1990 tinha 68 favelas. S. Bernardo 02 favelas e em 1990 64 favelas. Em São Paulo número de favelados era de 1% da população e hoje são quase 20%.

Então faço a comparação com a destruição do salário. Então nós trabalhamos com a questão do salário, da luta sindical, da luta por salário. Ocorre que no final de 70 e início de 80, ocorreram grandes crises econômicas, que depois levou ao fim da ditadura. Inflação subindo e tal. E nessa crise econômica se agravou a crise habitacional. Agravou-se mais ainda. Para se ter uma ideia tínhamos um trabalho na região da Mooca para formar uma Associação para organizar trabalhadores. Na Mooca tinha muita Indústria, tinha Antarctica, alpargatas, Açúcar União, Lorenzetti, Arno... Muita gente. E o pessoal morava nos cortiços na Mooca.

Em 1981, tínhamos uma associação e uma companheira fez uma pesquisa sobre as necessidades dos trabalhadores para a igreja e ela pesquisou os cortiços... O que eles queriam Eles queriam creches, conta de luz alta, eles não mencionaram moradia. Em 1982, 1983 com a crise, aí começaram a citar moradia, porque não conseguiam pagar mais o aluguel e ficar trabalhando ali. Foi aí que surgiu o primeiro grupo de luta por moradia.

**Maíra:** Tinha alguma ligação com sindicato?

Não tinha, essa associação trabalhava com a oposição. Os sindicatos eram controlados pelos pelegos. A gente se organizava meio escondido.

**Maíra:** Não tinha a CUT?

Ainda não tinha CUT.

**Manoel Del Rio:** Eu trabalhei na fundação da CUT, trabalhei com Lula

**Maíra:** Minha mãe foi da CUT...

Eu trabalhei na fundação da CUT, trabalhei com o Lula. Ele que coordenou. Tinha uma articulação no Brasil chamada Anampus (Articulação Nacional Movimentos populares e sindicais). Que corria por fora, porque não tava por dentro da Federação. Porque era tudo pelego. Corria por fora. Tinha sindicato S. Bernardo, que a gente chamava de autêntico.

A CUT foi fundada em 1984. Então nesse período era mais a luta sindical, mas a questão da moradia começou a aparecer com gravidade já foi ali por... Em 1981 teve aquela crise com desemprego, inflação.

Formamos um grupo de moradia, com um grupo vindo dos cortiços da Mooca. Essa luta foi bem sucedida na época. Porque eles ocuparam... Tinha um órgão da assistência social lá na Mooca. Ai o pessoal ocupou o prédio, e era a Marta Godinho (ligada ao Dom Paulo lá), o Covas era prefeito... Aí eles atenderam. Eles atenderam e conseguiram demandas para três projetos

habitacionais, na Vila Industrial, na Cidade Tiradentes e em Chabilândia em Guaianazes. Nesse processo aumentou a participação das pessoas. Mas eles não queriam sair da Mooca. Não queriam sair de lá. Tanto é que foi cunhada a frase sobre o filé e osso. A classe média fica com o filé morando na Mooca e os trabalhadores roer osso na periferia. Foi assim que cresceu a bandeira de luta para projetos habitacionais nas áreas urbanizadas.

Isso foi importante porque cresceu o movimento e a necessidade. O Mov. De moradia ganhou um impulso depois de 1984, 85 e 86. Em 1988 houve ocupações em diversas zonas da cidade. De terra, foi em tudo que foi lugar ; E nós com aquela crise econômica, estava muito difícil trabalhar na fábrica. Uma ..., muito desemprego e qualquer movimentação que o trabalhador fazia, o patrão mandava embora. Então vamos adotar a moradia. Na moradia o operário vai se organizar e o patrão não vai se incomodar. Era difícil organizar uma reunião. Ou eles virem para uma reunião. Quem tava empregado tava quietinho, como um sapo debaixo do pé do boi, esperando ele tirar o pé. Tinha até boletim da época né. Íamos às fabricas convocá-los para a luta de moradia. Mas em geral o movimento ia nos bairros.

Mas aí fazíamos o seguinte raciocínio, se o operário ele está em tão ruins condições, ele não tem a moradia, é difícil ele lutar. Ele tá tão absorvido pela luta na sobrevivência que não tinha tempo. Então passamos a investir na organização dos operários para lutar pela moradia. Então a nossa base vinha dessa base, o Osmar era metalúrgico, o Dedé era funcionário da Coca Cola, o Luizinho era plástico, tem o Waldecio que era metalúrgico. Na realidade se formou um grande grupo na Mooca que vinha dos metalúrgicos. Então a partir desses momentos eu não tirei o pé da moradia.

Nessa época eu não era advogado, eu estudei Letras. Depois que enfim, vim para o Direito.

**Maíra:** Porque você trocou pelo Direito?

Sempre tivemos muita necessidade de advogado. A gente nunca tinha. Os advogados são sempre meio milicos. Eles não compreendem o Movimento. Sempre tivemos decepção com advogados. Eles são muito... sabe na legislação. É muito difícil difícil um advogado compreender que a luta popular ela é importante para ganhar na justiça. Ter uma idéia tínhamos um advogada que nos assessorava o trabalho. E Uma vez fomos roubados em uma eleição sindical e aí nos decidimos ocupar o TRT com grupo de trabalhadores, o pessoal entrou na sala dele. O ministro caiu fora e entramos na sala dele. O advogado entrou na sala dele, No meio de todo mundo, ele disse: “eu discordo disso que vocês estão fazendo... eu já entrei com processo tal e tal”. Assim essas as coisas mais veladas.

Em geral o advogado atrapalha nas reuniões.

Eu achei que eu podia ajudar mais no Direito. Foi bom pra mim e para o movimento. Trouxe a legislação para dar fundamentos para eles travarem a luta.

Porque você sabe que a lei tem muita força no meio popular. O direito tem muita força no meio da população. Então eu sempre procurava trazer as coisas da legislação para fortalecer a luta deles. E não o Direito, a defesa no processo, o recurso, a petição, tudo isso é coisa secundária. Assim o juiz dá ou não dá

Dependendo a situação. Se vc tinha força o Juiz da favorável. Se a greve ta 100%, a luta ta tinindo, o juiz dava favorável. Se a greve tava meio assim, era tiro de misericórdia, o juiz dava desfavorável, ilegal, abusiva, dai vinha a polícia e acabava com a greve. Falo sempre para eles assim: o juiz pode dá uma sentença diferente se a força popular estiver muito forte.

Então no Direito acabei trazendo muita coisa... Esse negócio da propriedade abandonada, é uma coisa que eu trouxe. Eu estudei o código civil, o direito à propriedade. Estudei bastante...

E no direito à propriedade, o proprietário pode usar, gozar ou vender.

Se você não usa ou vende é considerava coisa abandonada. Sempre falava o termo abandonada, abandonada, abandonada... Porque o pessoal falava propriedade vazia, eu falava abandonada. Propriedade abandonada tem esse sentido. Coisa abandonada não é de ninguém na linguagem jurídica. Trouxe também pra o movimento a questão da legislação. O estatuto da cidade foi um projeto de lei, que ficou 12 anos no congresso. Mas o projeto de lei é melhor do que foi aprovado. Parece que ele foi castrado na hora de aprovar. Nos usamos ele antes de ser aprovado, usávamos ele. Quem me mandou foi o Suplicy, eu pedi, e ele tirou o xerox do Diário oficial e me mandou, comprei uma lupa e minha filha foi digitando. Nós usamos muito o estatuto da cidade, o projeto de lei.

#### **[Manoel atende ao celular]**

Então ... nós sempre usamos os direitos humanos, nós sempre usamos a Declaração Universal dos Direitos Humanos para a moradia, o artigo 25...

Eu dei um curso de Direitos Humanos...se sabe né?

**Maíra:** Para o pessoal do movimento?

Eu dou um curso de Direitos Humanos para o pessoal é instigante

È Como ele é um pouco abstrato, a gente dá menos, abstrato porque tem uma série de princípios. Isso o pessoal que é muito concreto né?

a vida deles é concreto né...

Eu estudei um livro...

Eu fiz pós em Direito constitucional, mas não concluí. Eu tive um infarto... Fiz com a Flávia Piovesan, tem um livrão desse calibre "Direitos Humanos Internacionais".

Maíra: Eu conheço esse... Tem na Bibliografia da pós em DHU. Tem o Fábio Konder Comparato, o Boaventura Sousa Santos, Calixto Salomão Junior...

**Manoel:** Mas è muito instigante esse assunto. É isso, eu sempre usei isso Declaração Universal dos Direitos Humanos. Quando nós entramos na questão da moradia, a moradia não estava acolhida na constituição. Não era direito constitucional. Então eu utilizava a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para trabalhar essa questão. Antes da constituição acolher a moradia, eu peguei.... Estado e necessidade do direito penal.

**Maíra:** Esse eu não conheço...

Eu dei muito esse. È terrível, só que é claro, eu dou a interpretação, quem quer dar outra interpretação que dê... Problema dele. Porque eles não consideram Direito econômico como estado e Necessidade.

Eu ia nos grupos, e teve uma época que nós tivemos, nós estávamos falando de uma ocupação e aí tinha um grupo lá que falou que ia oitenta, aí depois quando chegou na outra vez que nós fomos fazer a conta aí falou “ah, só vai trinta porque o pastor falou que não sei o que, que não sei o que lá”. Aí eu fui lá com o Estado de Necessidade, e aí a gente reverteu porque ele é explosivo. Você passa o que é o Estado de Necessidade. E aí eu baixava “quem está desempregado está em estado de necessidade”, com eles né, “quem ganha pouco esta em estado de necessidade” tá, “quem tá, tá, tá”, tá. Bom, se está em Estado de Necessidade não é crime ocupar. Então, eu usava antes da, de tá acolhido pela Constituição, então porque a gente pega o Direito Constitucional, os Direitos Humanos. Então eu misturo os Direitos Humanos, o Constitucional, o Internacional e até a Bíblia.

**Maíra:** Porque você faz isso?

**Manoel:** na cabeça deles têm que tá bem fundamentado, então, por exemplo, a Constituição você fala da lei, tá certo? Você fala da lei, a Constituição vai dar a questão da lei. Os Direitos Humanos você fala que é internacional, é um direito internacional, toda pessoa tem aonde ela estiver, mas é um direito internacional, no caso da moradia. E não satisfeito com isso então eu falo da Bíblia, que eu pego aqueles dois pontos do Eclesiástico que fala assim, como é que é? Tem escrito por aí, como é que é? São coisas fundamentais para a vida, comida, roupa, casa, tal, no Eclesiástico. E tem do profeta Isaias que é melhor ainda, que é até socialista aquele “construirão casas e nelas habitarão”. Então, me disseram que tem no Alcorão, mas como eu não domino o Alcorão eu procurei alguém que tentasse.

**Manoel:** Não sei se tá te ajudando em alguma coisa...

Mas o que é importante na questão da moradia, que depois que a gente começou..., é buscar esses fundamentos. Porque eles vão sempre achar que estão errados ... Porque eles tinham essa resistência. O direito serve para mostrar que estão certos. Direito pra mim fez bem para trazer essas coisas para a luta por moradia. As pessoas vão lutar pela moradia, por necessidade. Mas na hora trava o embate com a mídia ou com os policiais, você tem que ter fundamento. Uma porque enfraquece a luta, eles mesmos vão saindo, não vão ficar nessa furada. E outra porque o lado contrário joga pesado. A gente traz os aspectos para a moradia. É claro que a moradia é esse problema econômica de salário e o valor. O valor da reprodução da força de trabalho. E a moradia também, eu acho que a gente tem outras coisas implícitas né. Uma vez me pediram porque a moradia, mas eu não sei onde está isso não. Eu elenquei 10 itens aspectos da moradia, tem o aspecto econômico, tem o aspecto que forma movimento, pra formar um grupo é a coisa mais fácil. Na nossa época da ditadura, pra você reunir duas pessoas..., você ia à casa do cara, ao trabalho e não juntava...

Agora moradia não... qualquer coisa...

**Maíra:** Queria saber surgiu a FLM? Porque fazer uma frente com vários movimentos, inclusive juridicamente?

Desde quando criamos o movimento, a gente fazia parte da união. Naquele momento se formou todas essas lutas, se formou a União. Como que é...

É uma articulação encaminhada pela igreja, era a igreja que respaldava a União. Mas com o desenvolver da União, nós desenvolvemos uma especificidade para os cortiços, então nós queríamos que dentro da União tivesse uma articulação própria para os cortiços. No início não foi permitido, eles não aceitavam muito essa ideia. Mas depois aceitaram essa ideia e depois formou a secretaria dos cortiços e formou a ULC – União da Luta dos Cortiços. Então se formou esse grupo, que surgiu com agente na Mooca. E essa ULC, nessa articulação é que cunhamos essa bandeira de moradia no centro. Então quando a gente reivindicava a moradia lá, e os projetos iam para moradias na periferia. Eles começaram a construir o metrô sentido Leste. E aí contruía em todo entorno, e aí começamos a pleitear moradia em todo entorno. Só que eles fizeram para a classe média e não atenderam o pessoal dos cortiços. Mas dali surgiram o negócio de lutar por moradia no centro. A ULC permaneceu por alguns anos, sendo a ponta da articulação na luta dos cortiços. Mas perdeu a luta por centralidade. Nós mesmos na Mooca não ficamos investindo muito nela. E com isso ela se dividiu, formando outros movimentos entre eles o MSTC.

Se dividiu assim um pouco por concepções. Tinha um grupo que achava que tinha que ocupar, outro grupo achava outra coisa. A própria União engessou a ULC. Toda ação que tinha pela ULC, as vezes a ação não era aprovada pela União. Teve um episódio na época da Erundina em que Queríamos ocupar a secretaria no Martinelli, porque os nossos projetos estavam parados. A União não aprovou, mas fizemos assim mesmo. E foi importante, porque o próprio governo, porque ele agilizou essa história. Tinha essa camisa de força, dentro da ULC fundamos o MSTC. Daí tiramos como prioridade trabalhar só com os cortiços, não ter preocupação só com o bairro. Daí começamos com a Mooca, Brás, Barra Funda. E daí se fez uma nova articulação MSTC, mas ainda dentro da União. Tiramos como linha a ocupação dos prédios abandonados. A União não aprovava isso daí e aí em 1996 tiramos de ocupar prédios abandonados. E aí continuamos convivendo nessa camisa de força. E aí em 2000, 2000 e pouco nós tiramos a linha de ocupar vários prédios.

#### **[Manoel atende um funcionário]**

O MSTC ficou na União, mas toda vez que ia fazer luta tinha esse problema. Mas em 2003, tiramos a linha de ocupar vários prédios ao mesmo tempo. Cinco prédios. A União também não aprovou, mas tinha algumas pessoas na União que apoiava, tinha a felícia da Sul tinha um pessoal do Ipiranga que aprovou, então fizemos as ocupações juntos. E depois desse período dessa luta, nós levantamos a ideia de ... vamos formar a frente. E não ficarmos na União, que era uma camisa de força. E aí que veio a ideia de fundar a FLM em 2004. E a idéia da FLM era justamente fazer uma articulação maior. Nós começamos ela tinha 12 movimentos. O princípio era o mesmo. Luta por moradia, luta direta...

**Maíra:** Juridicamente, o que favorece?

**Manoel:** A FLM não é formalizada. Os movimentos estão formalizados. O FORMAESP da Sul, o MSTC institucionalizado, o TNG f institucionalizado...

Os movimentos estão institucionalizados, mas mantivemos o MSTC, muitos anos sem institucionalizar. Porque às vezes a institucionalização é boa ou não

**Maíra:** O que você acha ruim da institucionalização?

O que é ruim da institucionalização é a repressão, pois é mais fácil pegar. Se você pegar o MST não tem. Havíamos feito isso na CUT. Quando fundamos a CUT era não era institucionalizada. E ai fundamos um instituto que era um respaldo, que movimentava as finanças. A CUT era uma sigla. A contribuição dos sindicatos ia para o instituto. A CUT não existia formalmente. O presidente, nem sei se era o Lula, não me lembro. O Menegheli era o primeiro presidente da CUT, era presidente do Instituto. Só que a CUT era um nome fantasia. Hoje de qualquer modo, os movimentos são muito voláteis, então às vezes e melhor deixar na informalidade. Voláteis assim, às vezes a pessoa vem, pega vai embora, não fica e ai fica muito difícil manter uma instituição assim.

Mas eu vejo hoje, pois mantemos essa discussão aqui em cima, que precisa formalizar algumas coisas. Fazer a parceria com o governo. Nós fazemos com a Apoio. No nosso caso mantínhamos a Apoio e o movimento ficava na fantasia. Embora a gente não misture as finanças da Apoio com as finanças do movimento. A Apoio não pega nenhum recurso do movimento. Por princípio e por cuidado. Por princípio porque o dinheiro movimenta para o movimento. E o cuidado para não sermos acusados de roubo, por exemplo. E o perigo de acusar a Apoio...

**Maíra:** A Apoio é um instrumento para dialogar com o Estado?

**Manoel:** Nunca usamos a Apoio para isso.

**Maíra:** Qual instrumento usam?

**Manoel:** Negociação direta do movimento. Formam comissões para negociar. A coordenação normalmente é quem discute com o movimento. Eu falo que tem necessidade por conta dos convênios, mesmo por conta Minha casa minha vida, ou minha casa entidade como falam... A Apoio se credenciou lá também, MSTC se credenciou, a FLM não, mas eu vejo hoje que precisaríamos, a ideia é cria um instituto. Que eu chamaria de Central de demanda, que houvesse contribuição. Porque um dos problemas do pessoal de baixo é a desunião. Se pegar, temos problema financeiro. Para pagar um arquiteto não tem, pagar um advogado, sempre recorre a... nunca tem. Quer fazer uma mobilização grande não tem, quer pagar um animador popular, uma liderança. Não tem. Hoje precisaríamos formalizar isso, fazer uma central de demandas. Cobrar das famílias, mas com transparência. Hoje como funciona a Apoio.

Pela internet, informática, criar um sistema em que as pessoas contribuem, paga na conta e cai tal... e fica registrado e o que recebe e o que gasta tá ali. Às vezes corre dinheiro e a gente não tem controle sobre isso.

**Maíra:** Como é informal ...

**Manoel:** Como é informal não tem controle.

De repente o tesoureiro some com o caixa. E nós já tivemos caso de assalto. No dia das reuniões, o tesoureiro lá recebendo, leva embora. Tínhamos que criar um regulamento com regras pré-determinadas e tal.

Mas vejo que teríamos que estar amadurecidos para criar uma instituição para organizar a demanda e cobrar. Porque você cobrando hoje, você pega um terreno e logo tem que ter um estudo de viabilidade. E como faz? Voluntário?

Se tem problema jurídico? E o advogado? Eu? não dô conta nem do que faço. O movimento poderia avançar muito se tivesse mais união. Hoje a pessoa gasta com qualquer coisa, mas não quer contribuir com o movimento. É uma luta, uma luta ideológica.

Quantos grupos tem?

Acho que tem uns 70 grupos... Tem na Sul, tem na Norte, tem na Leste, tem no Centro...

Na sul tem vários grupos, que se reúnem em torno da FORMAESP... Na Norte tem dois movimentos lá, que eu nem sei bem os nomes...

Luta por Moradia digna e tem outro lá, tem vários grupos, na leste tem vários grupos tem lá cerca 40 grupos. Grupos de base né? No centro também tem. Não tem mais, porque você não tem pessoas para organizar. Por isso que eu falo, se agente conseguisse arrecadar, a gente poderia por mais gente organizando. Então não tem mais por conta disso.

**Maíra:** Inclusive porque as vezes tem que dividir o emprego com a luta né?

Quem trabalha já não faz direito. Tem uma negociação, tem que ir toda a semana, visitar as pessoas, tem que ir para a negociação. Então tem que ir para a mobilização. Então

Eu falo que nós precisaríamos ter umas 50 pessoas mais ou menos...

Nós temos um grupinho aqui em cima e a Apoio tem financiamento da entidade da Inglaterra, que paga para essas pessoas, mas isso tem limite, pois esses projetos com o Brasil não vão muito longe.

**Maíra:** A última pergunta é qual a relação que vocês têm no partido? Ajuda ou atrapalha?

**Manoel:** Estou no partido desde 1981. O movimento ele é autônomo em relação ao partido né?! Autônomo assim, ele tem vida própria não segue o que o partido determina. O partido também nem determina... o partido é muito frágil nessa questão dos movimentos sociais. Na verdade, as pessoas que são militantes falam: Ah eu sou do PT. Mas a discussão nem acontece lá... Acontece assim... em eleição, discute programas. Mas não tem assim... É autônomo, e nem tudo mundo também é. Nós entendemos que para o movimento se perfilar nas conjunturas eleitorais. Porque o que tem demonstrado é assim: Se o PT ganha melhora. Se o PT perde piora. Aqui temos experiências claras...

Quando O PT ganhou com a Erundina, a questão da moradia teve um salto imenso. Aliás o governo da Erundina, o primeiro governo do PT foi um “governasso”(sic) né. Falo assim que o pessoal lembra do governo da Marta. Mas eu acho que od a Erundina foi o melhor. Na questão da educação, lembro que as minhas filhas pequenas estavam em escola paga. Coma Erundina eu as rematriculei na escola pública. Saúde? Ela tinha equacionado a questão da saúde. Eu lembro que com a minha mãe (falo da minha experiencia familiar) pagávamos convenio para

ela, ela ia nos médicos de São Caetano. Com a Erundina, tinha um posto perto de casa, parou de ir no convenio e tinha as especialidades, cardiologia e tudo. Resolveu o problema de saúde. No transporte ela resolveu com a municipalização do transporte.

Na moradia, ela deu um salto extraordinário.

Então a gente tem certo de que tem um governo melhor, é melhor para o movimento.

Quando em 1992 perdemos a eleição com o Maluf foi terra arrasada. Foram 8 anos com o quatro de Maluf e quatro de Pitta. Ai nós ganhamos em meados de 2000 com a Marta, pegou a cidade arrasada... Nem trator na subprefeitura tinha. Aí reconstruíram quatro anos ali. Avançou na educação, transporte, com bilhete único. Me lembro que o transporte era problema sério. Lembro que hoje falam de mobilidade. Mas o bilhete único é mobilidade. Lembro que o pessoal andava 3, 4, 5, 6 km a pé para pegar uma condução só. Mas o Bilhete único ... mas ai perdeu a eleição e parou os CEUS, tinha os ônibus com ar condicionado, corredores e tal, parou tudo e aí fica terra arrasada, é importante o movimento não ter neutralidade, mas ter autonomia. Se o governo quiser, tudo bem, se não quiser vamos lutar seja ele qual for. Não temos vínculo com o PT, mas temos gente nossa no PT, mas o principio é autonomia.

## **Entrevista com Antônia Ferreira do nascimento**

**Coordenadora do Grupo de base da Ocupação Av. São João, 588 – Hotel Colúmbia.**

**Data: 17 de Maio de 2014**

**Maíra:** Nome completo

**Antônia A. Ferreira do Nascimento**

**Maíra:** Qual a sua Idade ?

**Antônia:** 42 anos

**Maíra:** Local de nascimento: Nasci em Imperatriz - Maranhão

**Maíra:** Tem filhos? Moram contigo? 03 filhos, nenhum neto. Moram comigo

**Maíra:** Formação?

**Antônia:** Formada em técnico em Análises Clínicas pela Escola de Saúde Pública (Cidade Tiradentes) e Serviço Social na Uninove junto com Mildô

**Maíra:** Qual a formação da família?

**Antônia:** Meu pai e minha mãe não tiveram oportunidade de estudar, não tiveram essa oportunidade que tenho agora, que meus filhos estão tendo. Eram agricultores, não tiveram oportunidade de estudar, como hoje temos. Na concepção deles, mesmo sem ser alfabetizados, a melhor herança era o conhecimento incentivaram a estudar. Mesmo não sabendo ler ou escrever direito, mesmo na ignorância deles, tinham inteligência dentro do mundo em que viviam. Eles acreditavam com conhecimento do cidadão, as coisas poderiam ser melhor. Meus pais moraram no interior, em fazendas e sítios. De terra que conseguíamos para plantar para vender.

Imperatriz é uma cidade, mas viemos do interior, fazenda, de sítios, de lugar com terra para plantar.

**Maíra:** Era dono da terra?

**Antônia:** Era uma terra arrendada. Vendia a força de trabalho dele para sustentar os filhos. Seis filhos.

Né? não era fácil hoje, imagina um tempo atrás.

**Maíra:** Cultivava o quê?

**Antônia:** Plantava arroz, feijão, hortaliças, aquilo que dava para sobreviver. Criava porco, galinha. Carne somente de vez em quando.

Vendia e ficava em casa para subsistência.

**Maíra:** Trabalha em qual área?

**Antônia:** Trabalho na área social, com pessoas em situação de vulnerabilidade social. É um projeto financiado por uma organização europeia chamada Cafta.

Isso dentro do trabalho que faço.

Mas também faço um trabalho no movimento, que é voluntário. Porque eu tenho possibilidade de manter os dois. O próprio trabalho na organização, permite que concilie com movimento. Trabalhamos com comunidades. O próprio projeto que trabalho que trabalho permite o trabalho com movimento.

**Maíra:** Esse projeto você recebe por um órgão do Estado?

**Antônia:** Vem direto da União Europeia. Os cidadãos de lá tem outra cultura de ajudar as pessoas. Não só no país deles. Pra tudo acontecer, tem que acontecer como um todo e não como parte. Pra melhorar tudo;

Se um país tiver uma grande pobreza, isso pode respingar nos outros. Acreditam nisso. E essa ong tem um fundo e faz um trabalho no mundo inteiro. Na África, no Brasil na A.L como um todo, Brasil, Bolívia, Paraguai.

**Maíra:** Trabalhou na área de Análises Clínicas?

**Antônia:** Não, sempre na área social. Mas a área da saúde, é muito interessante, sempre me interessou. Tenho vontade de trabalhar. Como tudo depende de oportunidade, quando fazia Análises Clínicas já fazia parte do movimento. E ai não pude deixar o movimento. Quando se faz parte do movimento sabe-se que não é brincadeira. É uma coisa real.

E eu queria, quando terminasse Análises Clínicas, fazer medicina. Mesmo trabalhando na área social. Eu entendo que a saúde é uma questão social gravíssima. Mas pessoas no entorno questionaram.

Às vezes a gente tem que repensar e ver se vale a pena. Aí resolvi fazer Serviço Social

**Maíra:** Sua família/ você participou de programas sociais?

**Antônia:** No Maranhão é muito difícil. Não existe até hoje uma possibilidade de trabalho social dentro da cidade e do estado. É por isso que é um dos estados mais pobres do Brasil. A política é do tempo do Coronelismo. Se mexer na terra de alguém pode ser morto. Não só lá, mas em outras partes do país. A cultura de lá é do tempo passado, dos grandes senhores da terra, feudais, e os donos da terra de hoje são filhos e netos desses coronéis. E diante de toda essa cultura, que é difícil quebrar naquele estado, há uma dificuldade de fazer trabalho social. Esse trabalho existe, mas é bem mais apagada, cada um em seu cantinho.

**Maíra:** Idade em que começou a trabalhar?

**Antônia:** Comecei a trabalhar com 13 anos. Comecei como a maioria das pessoas de baixa renda, como empregada doméstica. Aquela menininha de 13 anos que ia passar a roupa da patroa. Fiquei nessa situação por 2 anos, mas estudando. Trabalhava e estudava. Depois saí e trabalhei como camelô. Ai passou um ano, ai comecei a trabalhar em uma loja de tecidos. Por que lá é uma cidade grande e comecei a trabalhar nas Pernambucanas. Estudei e casei. E depois de 02 anos vim para São Paulo. Vim sem eira nem beira.

Ai como todo mundo que faz e acontece em São Paulo. Viemos morar no Centro, morar nesses cortiços do centro. Fica mais fácil de arrumar trabalho. Ai os aluguéis são caros. Mas como todo mundo, vamos nos deslocando para longe, locais sem infra-estrutura. Mas era o que a gente podia pagar. Mesmo na periferia o aluguel era caro.

**Maíra:** Morou em que bairro?

**Antônia:** Primeiro em São Mateus, saí da Santa Cecília fui morar em S. Mateus. Casa alugada e morando com outra pessoa. Ainda assim, fui morara com pessoas no fundo. Mesmo saindo de um cortiço (santa Cecília), tendo que conviver com mais de dez pessoas.

**Maíra:** Já participou de algum mov. Social? É o primeiro?

**Antônia:** Em Imperatriz não. Antes da FLM, não. Quando fui morar em S. Mateus, a vizinha que morava nos fundos já tinha participado de luta de movimento de moradia e quase tinha conquistado a casa dela. Daí conversando, ela disse que tinha que participar do movimento. Animada pra caramba. Vamos Antônia? Ah não sei, dai depois disse então vamos!

Participávamos das reuniões todas as sextas, lá no S. Francisco. Minha coordenadora era Dna. Zelinda. Ela continua ainda na UM. Éramos filiadas na UM Nessa época não era Frente ainda. Era UM (União de Moradia) – Leste 1 filiada a UM. Depois de algum tempo ficou difícil devido à distância. Toda semana e pegava ônibus, e dificultou. Tinha duas crianças.

Ai falei que não mais participar...

Minha vizinha disse, deixe com algum vizinho. Mas eu disse toda a sexta incomodar as pessoas. Uma vez e outra vai. Então faz o seguinte, vou desistir desse grupo e vou procurar um perto de casa. Ela disse que tinha perto de São Mateus, lá tem a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Quando percebi o local era tão próximo da gente e a gente não sabia!

Ai pensei como tinha um grupo de base tão perto da gente e a gente não sabia! Precisamos espalhar isso, fazer panfletos, informar às pessoas que existe o movimento. Que você pode lutar pela sua moradia e outros direitos que vem junto. Informar que elas podem lutar por moradia. Caminhar juntos. Ai comecei a participar. Então me falaram que eu era interessada, indo para os atos. fazendo movimentação. Daí me perguntaram se seu aceitava fazer parte da coordenação. Eu disse que sim. Ai começamos a lutar. Fiquei preocupada porque esse grupo de base já tinha alguns anos e não tinha saído nada. Ai pensei, meu Deus ficar 08 anos sem ter alguma coisa. Vou ficar 8 anos sem conseguir alguma coisa. Dai ele me explicou, esse grupo de base não conseguiu quase nada porque ele não faz luta. Para conseguir a moradia a gente tem que fazer a luta, não é só vir de 15 em 15 dias. Senta e ouvir. Tem que ir para o luta. Dai comecei a alugar ônibus, com um ano na coordenação desse grupo saíram 20 apartamentos de uma vez só.

**Maíra:** São apartamentos da CDHU?

**Antônia:** São da CDHU , é um desses que moro. Saiu 20 para Itajuíbe e depois desses conseguimos 40. A gente não tinha família para por. Guardamos até comelar atendimento, as famílias virem.

De uma vez só tiramos todo mundo da base.

**Antônia:** Foi feito com auto-gestão. Já ouviu falar?

**Maíra:** Já ouvi, é igual ao da Fazenda da Juta? Falei com a Marinete coordenadora daquele grupo.

È ali que eu moro! sim. Sou vizinha da Marinete.

**Maíra:** Passei na frente da sua casa. Esse apartamento é muito maior que o meu. Ela me contou que foram feitos com mutirão. Muito Legal!

**Antônia:** Eu a Marinete e o Dorival, nós éramos da coordenação daquele empreendimento. Na escola era o canteiro de obras. Era o centro da obra. Fazíamos aquilo, batia a laje, direcionamos direitinho, colocávamos os conduítes na parede, fazíamos a parte de ajudantes de pedreiro. Ficamos lá 01 e pouco ajudando a construir. Ficamos 9 meses para aguardar a construir. Contando com o tempo em que ficamos no terreno, levou-se 02 anos. Mas ficou muito bom lá. Foi uma conquista maravilhosa.

**Maíra:** Fui em uma reunião desse grupo com o Sérgio e ele me disse que era mutirão. Baita prédio lindo e ele disse é fomos nós que fizemos. Foi legal

**Antônia:** Minhas meninas cresceram lá, depois que entrei depois de um ano começou a sair. Depois saiu aquela demanda do ...

Depois fui começar, não tivemos fim de semana. Vida social. Porque todo final de semana tinha que ta lá. Sábado e domingo. Me afastei um pouco do movimento.

Quando a gente terminou, finalizou, ainda estamos organizando o condomínio. A Marinete sugeriu montarmos outro grupo de base. Depois de um tempo recebemos o convite do MSTRU, do Osmar e já era filiado a frente e bastante gente compôs. Fizemos bastante luta. Já faz 09 anos que estou na FLM.

**Maíra: Estruturas de mobilização:**

**Como era a comunicação?**

**Utilizava a igreja, escola?**

**Antônia:** Conversávamos com algum executivo da igreja, fazíamos uma reunião explicando o movimento. Como seriam essas reuniões, qual o propósito e objetivos. Porque a necessidade das reuniões. Para acelerar políticas públicas de habitação. Discutir direito à moradia. De fazer as reuniões em igrejas, é importante. Pois ela é tida no bairro como centro social. Então a igreja é um caminho, ou para receber uma pequena ajuda, ou se encontrar com Deus mesmo e também buscar seus direitos. Então por esse papel, geralmente buscamos a igreja. Achávamos que era mais fácil para a comunidade ir para as reuniões. Para conscientização dos seus direitos

**Maíra:** Participam mais?

**Antônia :** Participam mais mulheres, família monoparental. Parece meio a meio no meio. Mas na maioria é mulher.

**Maíra:** Porquê?

**Antônia:** No meu grupo de base parece que é meio a meio. Mas não é um dos grupos de base que mais tem homem... Mas a maioria é mulher.

**Maíra:** Porque você acha que a mulher?

Porque a mulher tem... O homem a cultura já educou ele dessa forma, “ eu sou provedor trabalhar pagar comida, aluguel e tudo mais”. Já a mulher pensa além, pensa na frente.

Ela pensa:

Mas ó meu marido tá pegando aluguel, mas amanhã não vai conseguir pagar.

Mas a gente visualiza que daqui a um tempo estará na rua, ela visualiza a educação de qualidade para os filhos, ela visualiza que quer um mundo melhor para os filhos. Além da dinâmica de cuidar da família, ela busca um mundo melhor, para ela e família. E que ela consiga condições de viver que caibam no bolso do marido. Que ele pode trabalhar. Que sobre para o lazer, para a poupança dos filhos. A mulher sempre pensa além do que ela está.

E que ela consiga condições de viver que caibam no bolso do marido também.

Que sobre um pouco para estudar, uma poupança. Futuro melhor para si e para sua família. Por isso tem mais demandas de mulheres no movimento. Não desmerecendo os homens. Há a cultura do homem e que não precisa de mais nada.

Lembro que meu marido pensava tô trabalhando e quando receber paga. Mas eu pensava que o dinheiro precisa ser bem pensado. Pensava em privar meus filhos de algumas coisas. Hoje ele paga R\$ 100,00 de prestação no apartamento. E eu faço a questão que ele pague. O homem quando vê a mulher a estudar, a conhecer mais que ele...

Não pode deixar esse homem se perder dentro de um processo do qual também sou culpada. Para que ele não se perca nessa questão. Porque eu educo esse homem também.

Quando a mulher se mostrar de maneira diferente, começa a trabalhar, estudar, o casamento acaba. O homem busca outra pessoa que está carente. Para que ele mantenha essa linha. Pois ele precisa de alguém cuidar de alguém. Não se perca dentro do processo. Faça a luta lá, mas continua dentro do processo.

Meu marido quase o perdi durante esse processo ( dele perder a identidade de homem do lar , provedor...). Eu tenho que ver meu papel, o papel da nova mulher. Já vi muita gente que se perdeu. A mulher não quer ser melhor que o homem. A mulher quer se igualar ao homem. Ai numa separação, tem coisas envolvidas [...] A gente tem que ter cuidados para trabalhar a questão da família. A gente pode tudo, desde que a gente tenha alguém nesse processo.

**Maíra:** Como foi a primeira ocupação?

**Antônia:** Então... na primeira ocupação estava grávida, nem lembro. Começo da década de 90. No São Francisco. Foram poucos dias... Antes não ocupávamos para nos manter no local, mas para chamar a atenção do governo. Não dá para se manter no local, porque na época a polícia era muito rígida. Ai pra gente preservar a integridade das pessoas [...] evitávamos confronto.

A própria Juta a gente ocupou simbolicamente. Aquela demanda foi muito difícil. Porque aquela área não seria para pobre. Porque era na Avenida Sapopemba. Era para a classe média e alta. E que nós éramos muito arrogantes em achar que nós iríamos morar ali. Mas ai essa mobilização, essa participação popular, fez de alguma forma uma mobilização.

Fazíamos caminhada, íamos para a porta da prefeitura pedir para todo mundo a terra da Juta.

A mobilização foi grande, fizemos passeata. Até que no 1 de maio de 1996, se não me engano. O Sr. Mário Covas foi até a Juta e assinou que a partir daquele dia aquele terreno seria destinado à moradia de trabalhadores de baixa renda. E aí percebemos que para conseguir as coisas, tem que ter a participação popular. O auto-reconhecimento da cidadania. Sem essa mobilização, participação, a gente não consegue as coisas. E a partir desse momento, conseguimos a Juta inteira. E o CDHU entrou com tudo nessa questão. A partir dali a CDHU parou

**Antônia:** A prefeitura não fez tanto quanto a CDHU. A partir daí a CDHU e a prefeitura continuou.

A gente foi conseguindo moradias, e deu uma parada. Tanta mobilização na década de 80 para 90 assustou um pouco os governantes. Não sei se você sabe, mas quando a solicitação é muita, eles tentam acalmar dando uma esmolinha. Para não ter problemas. Nessa época decidiram então. Produziram bastante, mas parou. Aí a gente ficou no diálogo só. Nessa época deram bastante, depois parou. Demanda só que a gente tem 05 anos estamos lutando.

Em 2010, não desmerecendo as outras, ocupamos o Banco do Brasil na Vila Prudente, outros prédios, Treme-treme, pequenas mas significativas, que deram resultado, mas mínimos. Aí aumentou a população, a coisa foi ficando muito extensa, preocupante mesmo, aumentou o valor do aluguel, começou a preparação da Copa do Mundo, mega eventos dentro da cidade... Valorizou muito a terra e a especulação imobiliária entrou. Aí dificultou muito para o trabalhador a pagar o aluguel. As pessoas começaram a ser despejadas. Aí todo mundo ficou desesperado. Se você perceber a luta se intensificou depois desses atos. No início das construções dos estádios da Copa do Mundo. Se você ver os eventos começaram a se aglomerar por conta do estádio da Copa do Mundo. Foi 2009, 2010. 2009 fizemos uma grande luta na Z. Leste. No terreno do Alto Alegre, saímos de lá, ficou sabendo né... Limoeiro.

**Maíra:** Fiquei sabendo na nota de repúdio...

**Antônia:** Mas ficamos lá 10 meses, conseguimos alguns atendimentos, mas a gente não quer aluguel social, mas moradia definitiva.

Mas enfim o governo diz que vai fazer, passou a abrir as portas, da aguinha, mas não o que a gente quer que é a moradia definitiva. Não tendo mais saída, mas é necessário?

Necessário não é, mas diante de toda a dificuldade dessas famílias, é preciso fazer luta. Pois diante desse cenário não há mais saída. Fazer as lutas.

Em 2010 fizemos 14 ocupações de uma vez só aqui no centro. Em 2009 na Leste no Alto Alegre. Depois ficamos na Rua aqui, desgastou a família, desgastou tudo aqui. No movimento não conseguimos tantas respostas positivas. Aí vimos esse prédio aqui.

Já vinham falando desses prédios. Na constituição fala que o imóvel é seu se tiver uma função. Mentira, isso é letra morta. Tá lá só para enfeite. Fala só para imprensa. O judiciário julga até hoje a questão propriedade como se propriedade fosse parte completamente do dono. Não vê a visão da constituição. Mas por mais que esteja lá, por mais que diga que esse prédio estava sem função. O dono esperando valorizar, sem retorno à comunidade. Esse prédio estava completamente inabitável, cheio de doença, imagino as pessoas do entorno. Esse prédio não devia pertencer mais ao dono, mas pertence. Porque a cultura é clara, as coisas se renovam, surgem novos ricos, mas quem comanda é a velha burguesia. São os velhos feudais, políticos, vereadores, donos dessa terra. Jamais aprovariam uma lei em que iriam melhorar a vida do

trabalhador. São ricos demais. Temos 22 pessoas nesse país, com grande poder econômico. Família Marinho, Savoy, donos dos bancos, Real, 15 pessoas têm mais de 01 trilhão de reais. Eles são donos de todo esse dinheiro. Em um país de 200 milhões de habitantes. Não é um absurdo isso? Porque não se redistribui. Essa riqueza não tem imposto? Pra onde vai o imposto? Porque tantos têm muito e outros nada? Que país é esse?

**Maíra:** Concorda ou discorda de algo do FLM, situação deveria ser repensada, estratégias de comunicação, melhoras na representação jurídica?

**Antônia** Tem coisas que a gente não concorda plenamente. Até porque se agente concorda com tudo não sai do lugar. Mas por mais da gente falar em participação, a gente muito, a gente vê a questão da individualidade mesmo dentro das lideranças. Mas não atrapalha o processo como um todo. Mas atrapalha a própria liderança que se perde no processo coletivo. Mas é um dos problemas que temos. Eu Antônia, digo de outras pessoas do movimento. Outra questão, a jurídica a gente é bem assessorado, além dos advogados que nos ajudam de forma voluntária, além da promotoria que abrem as portas.

Atendem as demandas. Eles não conseguem toda vez impedir remoção, uma reintegração. Porque a propriedade e o proprietário é um só. O juiz diz lei é lei, nada se sobressai a lei. eEse to dizendo que tá fora da lei, vai pagar no rigor da lei.

Mas na constituição federal a base do artigo 88 é dignidade da pessoa humana, e ele pode se utilizar desse artigo, que é real, e a questão da pessoa se sobressair. Mas pro juiz é subjetivo. Não é regra, determinação. Mas a lei não obriga o juiz a pensar dessa forma. Mas da o direito a pensar dessa forma. E se ele tiver que julgar e não pensar dessa forma. Mas são raras as vezes que entendeu isso. “Não vou dar a reintegração de posse porque essas famílias, estão em busca de seu direito a moradia. É obrigação do estado atender dentro das necessidades. Para que depois se possa pensar em retirá-las após o atendimento. Mas tem juiz que não trabalha dessa forma.

**Maíra:** Você acha que o fato da classe judiciária ser da classe hegemônica contribui para esse processo?

Eu acho, na verdade eu tenho certeza, eles se protegem o tempo inteiro. Às vezes tenho que falar para as famílias do movimento. E as vezes eu não me faço ser tão clara. Falo sobre a elite, a minoria que manda e desmanda, que se protegem. E ai eles tem varias maneiras de fazer com que a gente se feche em nosso mundo. Incentivam a individualidade. Falam que só se você for melhor conseguirá alguma coisa. E ai você começa a pensar só em si e esquecer o seu entorno e isso fortalece eles e muito. Que o judiciário, as leis a polícia, o Estado ajudam também a continuar essa situação de desigualdade social. Eu não faço só uma reunião. Eu quero que o cidadão saia da reunião com alguma coisa do qual nunca ouviu falar. Que ele se sinta objeto de direito, cidadão. Eu sempre coloco isso. Uma das coisas que mais coloco é a organização da burguesia, desde que a propriedade passou a ser um bem individual. Se organiza desde desse tempo e eles trabalham para que essa hegemonia não se rompa. E que a população trabalhadora viva fragmentada. Eu peço para eles lerem o Manifesto de Marx e vocês vão entender essa

organização. Porque vocês vão entender o porquê falo isso para vocês. Por mais que tudo mude, se transforme, chega a era do computador, continuam mandando desde lá do início.

**Maíra:** O pessoal consegue compreender bem essas ideias?

**Antônia** Consegue sim, é um processo demorado, mas conseguem entender. Para isso tinham que ler bastante. Hoje também até tem. Antes eles demoravam três horas para chegar em qualquer lugar. Mas hoje há tempo. A maior alegria é saber que esse povo tá fazendo 2º grau, fazer faculdade, gente falando pensando em se inscrever no FIES. Ou ver se consegue bolsa na Uninove. Porque tudo parte da educação. Porque quando você tem o conhecimento, o governo não se apoderará de ignorância.

Pra manter esses coronéis aí . Nunca saem desse poder. Porque quem coloca eles lá é o trabalhador. A elite é 20% da população. Não adianta negar. Quem coloca o vereador lá, quem coloca o prefeito, o deputado... Você vai dizer é a elite e eu irei concordar com você. Porque é a elite consegue comprar uma fresca d'água por conta da ignorância do trabalhador. A elite consegue domina um trabalhador e ele vota por uma cesta básica. Mas quem pôs ele lá foi o trabalhador. Para ele continuar, anos e anos.

**Maíra:** Sobre o edifício Colúmbia, me fala sobre as questões da ocupação.

**Antônia** Ai sim foi a minha primeira ocupação, que permaneci. Foi a minha escola. Ficar em um prédio ocupado no centro de São Paulo. Não tinha luz, água. Tudo quebrado, destruído. Ai disseram, se você me der um quartinho para morar eu arrumo tudo isso ai. Não sei o que farei se não ficar em um quartinho. Dava pena, ou morava aqui ou na rua. Veio um, veio o segundo, terceiro e todos se juntaram e se as pessoas não têm para onde ir. Juntou tudo mundo para fazer a limpeza, e o povo procurando o registro de água. Ate a gente achar. Até que encontramos no cantinho. Para arrumar a agua pro coletivo. Depois de um mês melhoramos a luz. Tudo no coletivo foi transformando. E gastando. Foi feito orçamento dos materiais. E na época era no rateio coletivo. Dei isso, deu tanto. Fazia a doação, comprava o material. E depois que melhorou . No sexto andar isolei. Dai chegou um doidinho e pediu. Eu penso que a família já tá vivendo sem dignidade. Mas ai você vai transformar uma coisa em outra. Eles sabem que a gente está aqui para esperar a moradia. Mas dentro da lei não pertence a eles. É provisório aqui. Mas aqui já passaram por três reintegrações de posse.

**Maíra:** No CDHU tem chance?

**Antônia:** Aqui é só ter boa vontade dos governantes. É só ter boa vontade n apolítica pública, é só querer... A falta de interesse... O dono ligou disse que tá interessado e, vender. Mas vai vender por quanto. As famílias vão pagar o que foi gasto. A garantia que temos é que eles terão uma moradia, mas em relação ao prédio... O governo do estado diz que não tem direito. Mas lutando a gente vê o dinheiro aparecer.

**Maíra:** Mas se essa ocupação não for efetivada?

**Antônia:** O estado é que vai determinar, se você ganha 2 salários mínimos você não mora no centro. Tem algumas continuidades que vão além do partidário, que ainda é parecida. Mas vou te dizer uma coisa. E o PT? Eu tenho um partido, mas aqui dentro eu não tenho um partido. Eu não entendo um pobre ser PSDB. Houve mudanças significativas. Mas porque o povo foi para a luta, foi para a rua. A força popular tem um poder enorme, então vou te dizer uma coisa, eu nunca vi uma conquista tão maravilhosa como foi a de agora, nunca imaginei que os movimentos sociais iriam conseguir uma ação que foi feita no dia 06, ganhar um terreno na

Barra funda, no Belém (do lado do metrô) Armênia, Bresser, foram cinco prédios no centro. Fico até emocionada. É... por conta de uma luta. Foi o governo, não? Foi o povo que fez a luta. Mas o governo que está aí ficou aberto

**Entrevista de Antônio Sérgio**  
**Coordenador do Grupo de Base da Fazenda da Juta – Zona Leste**  
**18 de Junho de 2014**

**Maíra:** Nome completo:

**Antônio Sérgio:** Antônio Sérgio Vieira do Nascimento

**Maíra:** Qual a sua Idade?

**Antônio Sérgio:** 54 anos

**Maíra:** Local de nascimento

**Antônio Sérgio:** SP – capital

**Maíra:** Formação?

**Antônio Sérgio:** 1 grau incompleto

**Maíra:** Trabalha em qual área?

**Antônio Sérgio:** Sou auxiliar de limpeza

**Maíra:** Como foi a situação financeira de sua infância e adolescência

**Antônio Sérgio:** Nossa situação era precária, só minha mãe para cuidar dos filhos, então era diarista, era bem precária NE...

**Maíra:** Sua família/ você participou de programas sociais?

**Antônio Sérgio:** Não, nunca.

**Maíra:** Já participou de algum mov. Social? É o primeiro?

**Antônio Sérgio:** Não, essa é a primeira vez, que agente tem contato com movimento de moradia, que envolve movimento social tudo, é a primeira vez. To no movimento desde 1999. Conheci através de um amigo que me apresentou o grupo de base do movimento de moradia. O grupo Força Habitacional II na Leste

**Maíra:** Em qual lugar teve contato com o Mov. Sem teto (bairro/cidade) através de um amigo meu, que me levou a participar. No grupo que eu to atualmente. Força Habitacional II na Zona Leste.

**Maíra:** O coordenador quem era?

**Antônio Sérgio:** Era a Marinete.

**Maíra:** Como se tornou coordenador?

**Antônio Sérgio:** Me tornei coordenador, porque eu queria participar por completo. Continuo na reunião, mas só se eu puder participar de tudo. Comecei a participar das reuniões mais fechadas com os coordenadores. Ai eu fui... Praticamente eu me impus para ser coordenador. Não que eu fui convidado. Eu me impus. Porque eu achei importante a luta. Mas não para ficar sentado em uma cadeira escutando. Não... queria ir participar de tudo. Não só ir à reunião.

### **Estruturas de mobilização:**

**Maíra:** Quando ocupou e onde?

**Antônio Sérgio:** A gente ocupou o terreno do Limoeiro em 2009. Já entrei nessa ocupação do Limoeiro. Um terreno e me tornei coordenador da ocupação. Depois para ser coordenador do grupo. È esse mesmo terreno que está sendo ocupado hoje. Ficamos um ano nesse terreno. Em dezembro houve reintegração e as famílias saíram de lá e receberam bolsa-aluguel. Ai agente ... Foi a primeira ocupação que participei...

**Maíra:** Essa foi apenas no terreno?

**Antônio Sérgio:** Era terreno tivemos de construir barraco. Água, Luz. Dar algum conforto para quem estava ali NE? Uma água, luz para algumas famílias que estavam morando no terreno. A água a gente tinha um cano da Sabesp próximo e distribuimos a água em sistema de mangueira. Em todo barraco a água vinha pela mangueira. E tinha cozinha coletiva. O pessoal cozinhava. Mas tinha família que moravam e tinha sua cozinha. Tina sua vida própria NE?

**Maíra:** Depois ocupou outro lugar?

**Antônio Sérgio:** Depois ocupamos o Viaduto do chá. Moramos por 15 dias. A gente estava pressionando o governo. Pedindo uma posição do governo. Porque tínhamos ocupado o Limoeiro e eles deram assistência para algumas famílias. E outras ficaram sem assistência.

Depois da ocupação no viaduto do Chá. Com barracos de lona.

Depois na São João, 588, essa ocupação foi em 1 de Outubro de 2010. Essa ocupação é a que estamos até hoje.

Particpei da Ocupação da São João, 288 em 2012 estamos lá até hoje. e recentemente Tb da ocupação da Rio Branco, agora em 2014, essa já teve reintegração de posse, só conseguimos ficar 15 dias morando, mas conseguimos algumas bolsa-aluguel.

**Maíra:** Do Hotel Colúmbia, como foi o processo?

**Antônio Sérgio:** No hotel Columbia, nós fizemos várias reuniões por 3 meses antes o para escolher qual prédio deveríamos ocupar no centro. No dia, ocupamos com quase 600 pessoas, alugamos vários ônibus da zona leste para o centro. Ai chegamos la entre 12 e 1h. Arrombamos a porta, arrombamos a outra porta, as famílias entraram. Sem água e luz, só vela e lanterna. A polícia ficou pressionando para a gente sair. Ficamos sem água e comida. A polícia impediu a entrada de água e comida. Mas resistimos 24 horas. Efetuamos a limpeza do prédio para acomodar as famílias. Um meio de colocar água, luz... E hoje essas famílias estão morando lá.

**Maíra:** Tem alguma ajuda do movimento financeira, na estrutura?

**Antônio Sérgio:** Sim , tem.

O movimento em si, o movimento ele está sempre se movimentando. Nunca para. Tem que ter algum eixo. O eixo é a verba, fazemos um rateio entre as famílias, cada um ajuda com um pouco. Para comprar o material necessário e dar uma melhor estrutura as famílias.

**Maíra:** Como foi a experiência? Sentiu medo?

**Antônio Sérgio:** Geralmente no momento da gente entrar, porque a gente não sabe o que vai encontrar dentro da ocupação. Quase todas as ocupações, a gente tem medo na hora de entrar. Depois que entra e passa a conhecer o local, o medo acaba passando. O perrengue maior assim que eu passei foi quando a gente ocupou em 2012, o prédio 253 da São João a gente ocupou o prédio da família Savoy e fomos presos. E teve outro que ocupamos, na Santa Ifigênia um hotel abandonado. O dono chegou com 04 seguranças e agente se viu em 05 pessoas na ocupação e eles foram truculentos. Acabamos saindo sem se machucar, só na conversa. Tive que ser hábil para resolver a situação.

**Maíra:** Concorda ou discorda de algo do FLM?

**Antônio Sérgio:** Com as famílias não tenho nenhuma queixa, pelo contrário, me tratam muito bem, às vezes a gente concorda em uma ótica que vem de ultima hora. Então acho que não deve

haver imposições de ultima hora (passeatas, atos). Tudo tem que ser resolvido com 15 dias antes. Isso me incomoda

**Maíra:** Estratégias de comunicação de formação de grupo?

**Antônio Sérgio:** Geralmente, as famílias vêm uma atrás da outra. Tem famílias no grupo, que comentam no bairro que mora, no trabalho, vizinhos e falam “trouxe um amigo meu...” e assim vai crescendo o grupo. A gente não usa estratégias para vir participar. No meu caso e do Força habitacional. Para não ouvirmos, “eu vim para cá porque você me chamou...”. Não. A gente quer que venha por conta própria. Todas as reuniões falamos Quem achar que está sendo lesado, ludibriado, pode não participar da reunião. Quando você convida uma família para participar do grupo, há uma responsabilidade muito grande. Pois sabemos que é uma responsabilidade muito grande. Pois é difícil, governo não é fácil, a família deve vir por conta própria e não do coordenador.

**Maíra:** E os locais de reunião?

**Antônio Sérgio:** Os locais de reunião. A gente pede espaços nas escolas, nas igrejas para ceder espaço para a gente. Como o grupo não tem verba constante, não podemos alugar imóvel para reunião. Então por isso fazemos reuniões em locais em que as pessoas emprestem para a gente. Ou escola, sociedade ou igreja. No momento a gente faz na escola. A pessoa faz a inscrição e a gente explica para a pessoa. Ela paga R\$ 10,00 mês e R\$ 5,00 a carteirinha. E esse dinheiro é revertido para o movimento. Né? A gente tem Xerox para tirar. Ninguém tira de graça... Se vai fazer algo no computador, tem que tirar cópia, tem que imprimir. Isso demanda compra de tinta, se vai em reuniões tem que locomover. Mas como a gente é coordenador do grupo de moradia, a gente não tem salário. A gente faz de livre e espontânea vontade. Serviços voluntários. Para o coordenador se locomover. Quando fazemos ocupação, nos primeiros 6 meses, ela é movida com dinheiro do movimento. Cozinha coletiva. Às vezes a doação não dá para todas as famílias e a gente tem que ta complementando; O dinheiro é utilizado para isso.

**Maíra:** Qual demanda que saiu e te fez contente?

**Antônio Sérgio:** A do Teotônio Vilela. Ficamos contentes porque conseguimos foram encaminhar várias famílias. No meu caso, fiquei feliz, porque consegui encaminhar um rapaz, que lutava bastante, deficiente, ficou com a gente no terreno e conseguiu a demanda de moradia. Foi o que mais gostei. Das demandas de moradia, foi a que mais gostei.

**Maíra:** Qual foi o processo?

**Antônio Sérgio:** Lá não houve processo de ocupação. Já área do CDHU. Já tinha projeto de construção dos apartamentos. Então era só construir e passar para os movimentos. Como o movimento não para na luta, conseguimos.

**Maíra:** Mas quando é o caso do terreno? Qual é o procedimento.

**Antônio Sérgio:** A gente ocupa o terreno, e entra em contato com o secretário da habitação, e em alguns terrenos em que há uma pessoa que faz a avaliação. Para fazer moradia, se não há... Mas tem terrenos que a gente ocupa que já é destinado a outros fins e o ocupamos para reivindicar... Alertar o governo;

**Maíra:** Como é a relação com a Caixa?

**Antônio Sérgio:** Essa pergunta é simples... Só posso responder assim.

Reuniões com a caixa, nunca fui. Só os coordenadores vão. Só a coordenação geral do movimento

Já fui no CDHU. As reuniões são tranquilas, o secretário da CDHU nos recebe bem, assim como na prefeitura. Temos bom relacionamento.

**Maíra:** Qual bairro gostaria de morar? Por quê?

**Antônio Sérgio:** No centro de SP. Porque lá as coisas são mais fáceis, pra sair de onde moro hoje, prefiro ir para o centro de São Paulo. Porque a gente tem que ir para frente e não para trás.

**Maíra:** Qual o processo de escolha dos prédios?

**Antônio Sérgio:** Geralmente escolhemos os prédios, que temos certeza que estão abandonados. O processo: a gente passa várias vezes de frente ao prédio. Fica como... horas e horas vendo se não há ninguém. Olha como é que tá a sujeira, vidros, essas coisas... E vemos que estão abandonados. A gente ocupa os que estão realmente abandonados. Nem todas as famílias que ocupam, querem morar no prédio.

As famílias entram para ocupar para dar andamento no processo da ocupação. A gente põe as famílias que realmente querem morar na ocupação. Só moram os que realmente querem morar. Não é que você é obrigado a morar na ocupação.

**Maíra:** Qual o motivo das famílias não ocuparem?

**Antônio Sérgio:** Eu acho que famílias não ocupam, porque estão acostumados onde moram. E tem medo de começar na ocupação e sair (3 ou 4 meses) e começar de novo. E voltar para onde estavam. Procurar nova moradia. Pelo medo da saída rápida. É medo mesmo de sair sem esperar.

**Maíra:** Medo da polícia?

**Antônio Sérgio:** Medo de sair de uma hora para outra.

Não particularmente medo da polícia.

**Maíra:** Qual a mudança que houve quando começou a participar do movimento.

**Antônio Sérgio:** Ah sim, você muda. Quando você não participa de nada, tudo está bom. Mas quando participa. Seja movimento de moradia, sindicatos, qualquer coisa que você participar. A gente vê que as coisas não que gente acha. Muita coisa errada do governo. Nesse tempo que eu to no movimento que mudei muito. E a gente quer ver mudanças para todos. Não só para alguns. Moradia para todos, sobretudo para quem precisa de moradia. A Classe mais pobre, a

classe que mais trabalha é quem precisa de moradia. E perdem quase 40 e 50% de seu salário de aluguel para terceiros. Tem gente que tem várias moradias e aluga todas... E acaba... é... usando...

**Maíra:** O que acha da importância da ação coletiva?

**Antônio Sérgio:** A ação coletiva é tudo. Porque quanto mais pessoas, mais força a gente ganha. Então eu sozinho não posso lutar. Mas nós, e mais dois e mais dez podemos lutar. Melhor ainda. Coletivo é melhor coisa que tem. Todo mundo pelo mesmo lugar. Todos juntos pelo mesmo ideal. Hoje o ideal é limpar o prédio. Então vamos limpar!

As coisas no coletivo acontecem muito mais rápidas.

**Maíra:** Conhece a constituição brasileira?

**Antônio Sérgio:** A constituição é enganosa, porque diz uma coisa, mas na realidade a outra. Se for seguir o que ta escrito lá a gente não teria um déficit tão grande de moradia.

**Maíra:** O que conhece sobre direitos humanos?

**Antônio Sérgio:** Todo ser humano tem direito a ir e vir, direito a moradia, a saúde. E hoje em dia uma boa parte desses direitos é negada para a classe mais humilde do país. Acho porque, veja bem que nem a questão de moradia. Porque que quem tem mais, manda mais?

Não poderia o governo dividir boa parte disso. Então agente sabe quantos prédios abandonados tem na cidade. Tem famílias que têm 10, 20 prédios, abandonados. Porque não pega esse prédio e divide?

Acho que deveria ser pensado.

**Maíra:** Você é filiado a partidos. Acha proveitoso para o movimento?

**Antônio Sérgio:** É proveitoso ser filiado a um partido ajuda bastante. Por outro lado você acaba perdendo algumas coisas, quando o partido quando o partido que você não apoia estão no governo

**Maíra:** E os órgãos do judiciário?

Ministério Público, CNJ (Conselho Nacional de Justiça), Promotoria, etc?

**Antônio Sérgio:** São praticamente em cima do muro.

**Maíra:** E a reintegração?

**Antônio Sérgio:** Na reintegração, eu acho que o juiz quando fosse dar uma reintegração, procurar analisar o imóvel que irá dar a reintegração. O histórico desse imóvel. Quanto tempo esse imóvel está ali, porque não está sendo utilizado. Vê se tem dívidas, para depois dar a reintegração. Eles fazem ao contrário, só assinam e pronto. E ficamos sem saber porque acontece.

**Maíra:** Porque acontece?

**Antônio Sérgio:** Acho assim, como eles já, é ..., já ta com a situação deles resolvida. Pra eles... só que eles esquecem que aquelas famílias, que estão julgando para perderem o lugar de morar. Ajudam a fazer o pagamento deles;

**Maíra:** Politicamente você se considera de esquerda ou direita?

**Antônio Sérgio:** Eu não sei te dizer se sou da esquerda ou direita. A única coisa que sei é que eu luto. Não sei se to na esquerda.

**Maíra:** PT no governo. Melhorou, mudou, quais mudanças ocorreram?

**Antônio Sérgio:** Acho que quando ta o PT a gente tem mais acesso a moradia. Abre mais campo para moradia. Porque o pessoal acha que não, mas é um partido que pensa nos trabalhadores e na classe humilde. Os outros partidos pensam em quem tem mais quer ter mais ainda. Admiro o Lula como político.

**Antônio Sérgio:** Nunca sofre preconceito.

**Maíra:** Houve uma mudança entre a relação entre Movimentos Sociais e Estado nesses tempos de PT – Partidos dos Trabalhadores?

**Antônio Sérgio:** Ainda falta muita coisa.

Houve pouca mudança, a gente quer ver se essa mudança ocorre no governo que tá ai. O governo anterior pouco fez por moradia. Muita propaganda...

**Maíra:** O que acha de SP?

**Antônio Sérgio:** Vida difícil. Sou paulista e adoro a cidade que nasci. São Paulo é uma cidade que com todos os problemas que tem, recebe a todos com braços abertos. Independente da onde é. De qual estado, país... Recebemos os nigerianos e tão chegando, e São Paulo abriu os braços para eles. Arrumando emprego, lugar para morar. O que falta é ter governantes com equilíbrio. Para a cidade.

**Entrevista realizada no dia 18/05/2014 – Grupo Força Habitacional II/ Fazenda da Juta.  
Entrevistadora: Maira Carvalho de Moraes; entrevistada: Oneide de Souza**

**Maira:** Você fala o seu nome.

Meu nome é Oneide de Souza

**Maira:** Qual a sua idade?

**Oneide:** 54 anos

**Maira:** Você nasceu aonde?

**Oneide:** Eu nasci no Paraná

**Maira:** E ai você veio para São Paulo com quantos anos?

**Oneide:** Ah eu vim com 14 anos.

**Maira:** 14 anos. Quando você começou, como ficou sabendo do grupo de moradia?

**Oneide:** Não, eu sempre sabia, mas eu moro com meus pais então eu não liguei, eu nunca importei de ir atrás disso, eu morava com meus pais, agora nessa idade que eu vim.

**Maira:** que você veio sabendo sobre o grupo. Você mora aonde?

**Oneide:** No Mascaranhas, eu moro aqui na Juta

**Maira:** Na Juta, e ai você não tem casa própria?

**Oneide:** Eu não tenho, eu tenho terreno, casa própria não. Eu moro com meus pais.

**Maira:** E você esta batalhando para conseguir uma?

**Oneide:** É

**Maira:** Você trabalha com o que?

**Oneide:** Eu trabalho com costura.

**Maira:** Costura. É autônomo?

**Oneide:** Não eu trabalho registrada, só que agora eu estou em casa, eu fui dispensada, eu pedi para ser mandada embora, eu vou ficar cinco meses em casa e depois eu volto a trabalhar.

**Maira:** Quanto tempo você ta nesse grupo?

**Oneide:** Ah Deve ter uns quatro, uns três anos, mais ou menos

**Maira:** Você já participou de alguma ocupação?

**Oneide:** Não

**Maira:** Por quê?

**Oneide:** Ah, sei lá, eu não gosto, eu frequento aqui, mas eu não gosto não.

**Maira:** Você frequenta a reunião?

**Oneide:** Não sei lá, uma que eu tava trabalhando não dá, não tem tempo mesmo, então né.

**Maira:** E ai você não queria, não quer participar?

**Oneide:** Não assim, para movimento, entrar lá no apartamento ficar lá, eu não gosto.

**Maira:** Você acha que você tem medo da policia, por exemplo?

**Oneide:** Não, sei lá, eu acho que um pouco, porque é muita, sei lá...

**Maira:** Violência?

**Oneide:** Às vezes tem né, se for eu então eu nem vou, uma que eu tava trabalhando, mas agora eu to em casa que eu vou ficar cinco meses em casa depois eu começo a trabalhar de novo. Mas eu não...

**Maira:** Não tem vontade?

**Oneide:** Ai não, assim participar do movimento, ir lá, entrar e dentro do apartamento, invadir, eu não tenho coragem.

**Maira:** Ai você frequenta a reunião?

**Oneide:** Eu frequento a reunião.

**Maira:** Sempre, e desde?

**Oneide:** Ah eu mora aqui perto mesmo, sempre uns três anos, eu nunca importei de ir atrás de reunião porque sei lá, as vezes é... a gente mora com os pais, e eu sou solteira, solterona. (risos).

**Maira:** (risos) Não fica tranqüila!

**Oneide:** Solteirona.

**Maira:** Você esta frequentando esse grupo desde 2000 e?

**Oneide:** Ah tem uns três anos mais ou menos, 2011 mais ou menos

**Maira:** E o que você acha dessa espera?

**Oneide:** Eu acho que muitas pessoas desistem, mas eu entrei, eu agora não vou desistir, se Deus quiser eu vou ter meu apartamento. Né, porque eu não tenho condições de comprar um apartamento, porque o apartamento por ai esta muito caro, Então eu vou frequentar a reunião, enquanto estiver dando para ir, e eu moro aqui perto mesmo, então pra mim eu não vou desistir, se deus quiser eu vou conseguir meu apartamento, nem que seja o CDHU, mas...

**Maira:** Você prefere por aqui, em um bairro por aqui?

**Oneide:** Eu preferia, quem não quer um bairro melhor?

**Maira:** Por que sua família mora aqui?

**Oneide:** Mas onde cair pra mim tudo bem.

**Maira:** Tranquilo.

**Maira:** E o que você acha de lutar por moradia? De movimentos sociais de luta por moradia?

**Oneide:** Eu acho que as pessoas têm que ir em frente, eu sei lá, eu tava acomodada, eu acho que se eu tivesse lutado por isso antes, eu teria conseguido meu apartamento muito antes, mas eu nunca liguei, a pessoa às vezes é acomodada, se acomoda, mora com os pais, se acomoda, eu então eu tava acomodada,

**Maira:** É só isso, obrigada.

**Oneide:** Tchau.

**Entrevista realizada no dia 18/05/2014 – Reunião grupo de base situado na Fazenda da Juta.**

**Entrevistadora: Maira Carvalho de Moraes; entrevistad: Josicleide da Silva.**

**Maira:** Fala o seu nome completo.

**Josicleide da Silva**

**Maira:** Qual a sua idade?

**Josicleide:** 45

**Maira:** Você nasceu aonde

**Josicleide:** Pernambuco.

**Maira:** Veio pra cá ha quanto tempo?

**Josicleide:** Eu vim pra cá em noventa, faz o que? Vinte e quatro anos.

**Maira:** Você veio para cá seus pais ficaram em Pernambuco?

**Josicleide:** Ficaram

**Maira:** E aí você veio pra cá sozinha?

**Josicleide:** Sozinha

**Maira:** Que barra! Aí se casou aqui também?

**Josicleide:** Casei, mas já descasei

**Maira:** Casou de novo e teve filhos?

**Josicleide:** Tem dois

**Maira:** Você sempre morou aqui na zona leste?

**Josicleide:** Sempre morei, Itaquera.

**Maira:** E agora você tá morando aqui na Fazenda da Juta?

**Josicleide:** Não eu moro Cidade Líder, sempre morei lá.

**Maira:** Lá também, a sua casa é alugada?

**Josicleide:** É alugada

**Maira:** Tá, é aquilo que a gente tinha conversado antes.

**Maira:** Você já participou de programa social do governo?

**Josicleide:** Não

**Maira:** Nunca?

**Josicleide:** Nunca, é isso que eu tava conversando com uma amiga, eu nunca consegui nem uma creche, nunca dependi de nada aqui.

**Maira:** E você acha por que você acha que nunca conseguiu?

**Josicleide:** Não sei acho que é coisa mesmo, acho que antes era ainda mais difícil do que hoje, porque quando meus filhos era pequeno eu fui tentei por em creche nunca consegui nada. Acho que hoje é até mais fácil pra creche essas coisas porque na minha época foi difícil, eu nunca consegui.

**Maira:** Mas bolsa família, mesmo, você nunca conseguiu?

**Josicleide:** Não, eu nunca consegui.

**Maira:** Você começou no movimento social quando?

**Josicleide:** Foi em 2009.

**Maira:** Começou frequentando as reuniões?

**Josicleide:** Frequentado as reuniões.

**Maira:** Como você teve contato? através de coordenador?

**Josicleide:** A minha tia, ela conseguiu através da Marinete. Aí através dela eu conheci a Marinete. Foi em 2009.

**Maira:** Você já fez alguma ocupação?

**Josicleide:** Já essa do Alto Alegre.

**Maira:** E essa você frequentou mesmo?

**Josicleide:** Frequentei. A da São João. Não sei se você conheceu.

**Maira:** Da São João 588? Essa eu já conheço (risos).

**Josicleide:** Eu participei daquela. Eu nunca cheguei dizer assim morar, eu ia final de semana, ficava só final de semana, sábado e domingo eu ia, dormia, ficava lá o dia. Segunda e terça, segunda a terça eu ia só fazer visita a noite. Eu saía do serviço, ficava lá até umas dez horas da noite, aí eu vinha pra casa.

**Maira:** E por que você saiu da São João?

**Josicleide:** Não porque como eu nunca cheguei assim a morar eles acharam que assim, então a época que eu parei de ir lá foi isso porque as famílias ficou morando, aí as família ficou aí não precisou mais a gente participar. E aí nesse Alto Alegre eu fui; é tanto que eu comecei a ir nas reuniões foi no Alto Alegre em 2009, eu conheci ela aqui e já comecei a participar da reunião lá.

**Maira:** Quando você frequenta a reunião e não consegue a demanda o que te motiva a continuar a frequentar?

**Josicleide:** Ah, eu continuo porque eu já vi muita gente conseguiu, eu acho, minhas colegas conseguiu, eu acho que um dia eu vou conseguir também.

**Maira:** Você tem medo, por exemplo, quando você fica na ocupação? Você tem medo da polícia?

**Josicleide:** Ah, eu tenho um pouco, mas eu nunca cheguei naquele momento em que eles tava lá eu nunca fiquei lá porque como eu trabalho eu não fico lá durante o dia, e eles vão durante o dia na semana, e aí eu não fico lá, aí eu nunca enfrentei, eu nunca tive confronto com a polícia dentro do movimento.

**Maira:** Qual bairro que você gostaria de morar se você conseguisse um apartamento?

**Josicleide:** Tudo é assim, eu de ser tão acostumada a morar no bairro que eu já moro, se eu conseguisse pra mim eu acharia melhor. Eu não penso não é tanto em mim, eu penso na minha filha que chega tarde da faculdade. E como eu já moro ali, ela já conhece todo mundo, eu acho... sabe assim como é, não sei se você pensa assim a gente quando fica mais velho, e ela já nasceu lá e também eu acho que pra mim era melhor, mas isso aí, e eu vou porque eu quero sair do aluguel porque é uma coisa bem difícil.

**Maira:** O que você acha dos movimentos sociais em geral?

**Josicleide:** Eu acho certo porque é uma coisa que tá lutando pra ajudar, eu acho certo.

**Maira:** O que você acha da Constituição Brasileira, por exemplo, que garante o direito da moradia, mas que na prática não acontece?

**Josicleide:** Ah eu acho isso errado, eu acho certo que eles fizessem mais por isso, como eu hoje mesmo eu tava comentando com a menina, eu não sou contra a Copa aqui no Brasil, mas ali mesmo, o tanto que eles gastaram ali naquele estádio, ali dava tanta moradia pras pessoas, ajudava muita gente ali, não é? porque fica do lado da minha casa eu vejo o tanto movimento que é ali, eu acho que eles tinha ajudado muito a moradia ali. Mas a gente pensa assim, mas eles não, é o jeito deles. O meu lado de pensar é esse.

**Maira:** É só isso, obrigada.